

Sandra Alves Meira

**FLAUTISTAS DE ORQUESTRA DE BELO HORIZONTE:
Uma questão de memória**

Escola de Música
Universidade Federal de Minas Gerais
Setembro - 2007

Sandra Alves Meira

**FLAUTISTAS DE ORQUESTRA DE BELO HORIZONTE:
Uma questão de memória**

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Música.

Linha de Pesquisa: Performance Musical

Instrumento: Flauta Transversal

Orientador: Professor Maurício Freire Garcia
Universidade Federal de Minas Gerais

**Escola de Música
Universidade Federal de Minas Gerais
Setembro de 2007**

EPÍGRAFE

“A poesia da história reside no quase
miraculoso fato de que uma vez, nessa terra,
uma vez, nesse pedaço familiar de terreno,
andaram outros homens e mulheres,
tão verdadeiros como nós somos hoje,
pensando seus próprios pensamentos,
arreatados por suas próprias paixões,
mas agora não há mais nada,
está tudo acabado com uma geração sucedendo a outra,
com tanta certeza quanto a de que
nós mesmos brevemente teremos ido,
como fantasmas do passado.”

George Macaulay Trevelyan

DEDICATÓRIA

Para o meu pai, Adenôncio,
que não pôde ficar
um pouco mais para saber
do final, ou do começo,
dessa história.

AGRADECIMENTOS

A Deus, sem quem, eu nada seria e por meio de quem todas as coisas acontecem.

Ao meu orientador, prof. Maurício Freire Garcia, por acreditar nesse trabalho, pelas leituras e sugestões e por compreender minhas inquietações quando as forças me faltaram. Agradeço pela confiança, pelo encorajamento e pela generosidade de sempre. Conviver com sua capacidade intelectual e sua sensibilidade artística sempre foi fundamental para minha formação.

Aos professores que em alguma etapa deste trabalho contribuíram com valiosas indicações de leituras, considerações e sugestões: profa. Ana Cláudia Assis, Prof. José Nilton, Prof. Cláudio Urgel, Prof. Artur Andrés, Prof. Hely Drumond.

Aos flautistas que concordaram em participar como entrevistados nesse trabalho e que fizeram junto comigo essa “reconstrução” da história.

Àqueles que com informações, entrevistas e documentos deram sua preciosa contribuição: Sra. Ivone Cavalcanti Lage, Sra. Ephigênia Leão Xavier da Silva, Sr. Jussam Fernandes, Sra. Miriam Rogai.

Aos colegas de curso pela interlocução acadêmica e pela feliz coincidência de trajetórias.

À Edilene e Ráulia, secretárias da pós-graduação da escola de música da UFMG, que em muitos momentos foram essenciais para que esse trabalho se tornasse realidade.

À minha mãe Eunice, pelas orações e pelo apoio incondicional, que durante todos esses anos de estudo sempre esteve tão perto; torceu, aconselhou, sorriu e até chorou junto.

Ao meu amado e incansável companheiro, buglêr, por compreender minha ausente presença devido às muitas leituras, entrevistas e horas à frente do computador. Pela paciência, atenção, companheirismo e apoio nos momentos de dúvidas, tristezas e incertezas.

Ao meu bebê, que está a caminho. Pela nova motivação que trouxe, me ajudando a superar as dificuldades que surgiram e por contribuir para que os momentos finais deste trabalho fossem sobretudo especiais.

RESUMO

Muitos dados acerca da origem e formação musical dos flautistas de orquestras de belo horizonte vêm se perdendo ao longo dos anos.

Tendo em vista essa realidade, este trabalho procura apresentar um panorama com dados pessoais e profissionais dos flautistas integrantes do quadro permanente das orquestras de belo horizonte, bem como um histórico esclarecedor acerca das orquestras sinfônicas da capital mineira

Além disso, dois outros temas vão ser contemplados nessa pesquisa: a preservação do patrimônio cultural, tendo os flautistas de orquestra como foco e o papel das orquestras como postos de trabalho para os flautistas de belo horizonte.

Esperamos que os dados aqui apresentados sejam úteis como instrumentos para novos pesquisadores e que nossa contribuição sirva de incentivo e inspiração para outras iniciativas nesta área.

Abstract

Many data concerning the origin and musical formation of the flutists of orchestras in Belo Horizonte take the risk of getting lost with the passage of the years.

Inspired on this reality, this work tries to present a panorama with personal and professional data of the flutists members of the permanent group of the orchestras of Belo Horizonte and a historical profile of the researched symphony orchestras, as well.

Besides, two other themes will be contemplated in that research: the preservation of the cultural patrimony, being the flutists of orchestra as focus and the whole of the orchestras as a work place for the flutists in Belo Horizonte.

We wish that the presented data can be useful as instrument for new researchers and that our contribution serves as incentive and inspiration for other initiatives in this area.

LISTA DE QUADROS

Quadro	pág.
1: Dados pessoais	41
2: Dados musicais.....	42
3: Atuação profissional.....	43
4: Presença de orquestra na formação do flautista.....	44
5: Informações sobre a orquestra de atuação	45
6: Acerca das apresentações e repertório	46
7: Remuneração dos flautistas na orquestra	47
8: Opinião dos flautistas acerca do mercado de trabalho em Belo Horizonte	48
9: Orquestras sinfônicas das capitais do Brasil	49
10: Músicos inscritos na Ordem dos Músicos do Brasil	51

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	
AGRADECIMENTOS	
RESUMO.....	
ABSTRACT	
LISTA DE QUADROS	
INTRODUÇÃO	1
1– Tema: Os flautistas de orquestra de Belo Horizonte:	1
2– Objetivos e Metodologia de Pesquisa.....	1
CAPÍTULO 1: A QUESTÃO DA MEMÓRIA.....	3
1.1 – A importância da memória	4
1.2 – Memória e preservação – crise.....	6
1.3 – Ações preservacionistas	7
1.4 – A história dos flautistas de Belo Horizonte – Uma micro-história dependente da memória individual	9
CAPÍTULO 2: OS FLAUTISTAS DE ORQUESTRAS DE BELO HORIZONTE: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL.....	12
CAPÍTULO 3: BELO HORIZONTE E O MERCADO DE TRABALHO PARA OS FLAUTISTAS.....	30
2.1 – A música em Belo Horizonte e o surgimento das orquestras.....	30
2.2 – O mercado de trabalho em Belo Horizonte.....	32
2.2.1 – Docência.....	32
2.2.2 – Igrejas.....	33
2.2.3 – Cursos de extensão.....	33
2.2.4 – PERFORMANCE	33
CAPÍTULO 4: OS FLAUTISTAS DE ORQUESTRAS DE BELO HORIZONTE: PERFIL COMPARADO.....	41

CAPÍTULO 5: ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MERCADO DE TRABALHO PARA FLAUTISTAS DE ORQUESTRAS EM BELO HORIZONTE E OUTRAS CAPITAIS BRASILEIRAS	49
CONCLUSÃO.....	53
BIBLIOGRAFIA	57
ANEXO A: QUESTIONÁRIO PILOTO.....	59
ANEXO B: QUESTIONÁRIO APLICADO AOS FLAUTISTAS ENTREVISTADOS	61

INTRODUÇÃO

1- TEMA: Os flautistas de orquestra em Belo Horizonte

Este trabalho visa resgatar a história dos flautistas de orquestra em Belo Horizonte, tendo em vista que muitos dados acerca da origem e formação musical dos flautistas de Belo Horizonte vêm se perdendo ao longo dos anos.

Além disso, dois outros temas vão ser contemplados nessa pesquisa. Será discutida a preservação do patrimônio cultural, tendo os flautistas de orquestra como foco e o papel das orquestras como postos de trabalho para os flautistas em Belo Horizonte.

Considerando apenas os flautistas integrantes do quadro permanente das orquestras que servirão como fonte para essa pesquisa pretende-se levantar informações a respeito da forma de ingresso nas orquestras, o perfil pessoal e musical e ainda outros dados relativos aos flautistas. Os flautistas foram escolhidos como objeto de pesquisa, por ser a flauta o instrumento de formação da autora. Além disso, foram escolhidos para entrevistas flautistas que atuam ou atuaram em orquestras ligadas a instituições públicas e privadas de Belo Horizonte.

Para a obtenção de dados, serão utilizadas entrevistas semi-estruturadas, questionários, pesquisas nas instituições que foram ou são sede das orquestras, além de análise de atas de criação das orquestras, de livros de registro dos músicos, de artigos de jornais e revistas, de programas de concertos e fitas de vídeo de concertos. Como resultado, essa pesquisa pretende reunir e organizar informações históricas que sirvam de inspiração e enriquecimento para a formação dos flautistas atuais.

2- Objetivos e metodologia de pesquisa

Esse trabalho pretende trazer à luz a memória de flautistas que atuaram em orquestras de Belo Horizonte e registrar e manter preservados os dados acerca destes e dos que hoje ainda atuam na cidade.

A partir do estudo histórico acerca dos flautistas de orquestras em Belo Horizonte, pretende-se, então, traçar um perfil do profissional “músico-flautista” integrante de orquestras de Belo Horizonte e conhecer as circunstâncias de sua formação, seu ingresso e sua atuação nas orquestras e sua atual situação profissional.

Com base nas informações coletadas durante a pesquisa, propõe-se formar um registro dos flautistas de orquestra em Belo Horizonte, que deverá servir de fonte para futuras pesquisas. Além disso, a partir das perguntas elaboradas aos flautistas e tendo as orquestras de Belo Horizonte como foco, pretende-se levantar dados a respeito do trabalho dos flautistas nas orquestras: a forma de ingresso dos flautistas, além de aspectos relacionados à remuneração, repertório e a relação entre o número de vagas nas orquestras e a oferta de flautistas no mercado de trabalho.

Para a realização dessa pesquisa, foram realizados os seguintes procedimentos:

- Localização, levantamento e organização de documentos tais como: programas artístico-culturais, notícias de jornais, revistas, documentos das instituições que são ou foram sede das orquestras e obras antigas relacionadas ao tema;
- Entrevistas com flautistas e com músicos, produtores culturais e outras pessoas ligadas aos flautistas de orquestras

Para as entrevistas com os flautistas de orquestra foi realizada uma entrevista semi-estruturada, cuja análise deu origem ao questionário final aplicado posteriormente a todos os sujeitos pesquisados;

- Por fim, os dados coletados através do questionário, das entrevistas e dos documentos encontrados em arquivos particulares sofreram cruzamento de dados e análise e serviram de material de base para o texto final.

CAPÍTULO I

A QUESTÃO DA MEMÓRIA

Esta seção pretende discorrer sobre a importância da conservação de documentos históricos e sobre os efeitos do descaso com sua preservação. Essa discussão se faz necessária na medida em que nos permite encontrar um “espaço” adequado para o conhecimento histórico e para as pesquisas relacionadas ao objeto de estudo desse trabalho, a saber; os flautistas de orquestra de Belo Horizonte.

No decurso dessa pesquisa tornou-se latente a lacuna existente na área de preservação dos dados referente aos flautistas. Após laboriosa pesquisa realizada em jornais na Hemeroteca Pública de Belo Horizonte, consulta a arquivos na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais, no Arquivo Público Mineiro e na Fundação Clóvis Salgado, tornou-se claro o déficit na área de preservação de dados sobre os flautistas.

Sandra Loureiro, no livro *Escola de Música da UFMG: um estudo histórico (1925 – 1970)*, referindo-se as dificuldades na busca por dados históricos durante sua pesquisa se expressa nos seguintes termos:

“Em determinados momentos esbarramos com a ausência quase total de informações. É importante observar que, nos anos que se passaram, em virtude de várias hipóteses plausíveis, grande parte dos documentos importantes da Escola de Música não estava bem resguardada. Ao contrário: encontramos por sorte, os primeiros livros de atas, de contratos, de portarias e de recortes de jornais, pertencentes ao conservatório e relativos aos seus primeiros vinte e cinco anos de existência, num depósito de almoxarifado, embolorados e empoeirados, jogados numa estante, em meio a uma papelada velha de pouca importância. Em virtude disto, acredito que, certamente, muitos documentos estão desaparecidos ou perdidos definitivamente.” Reis, 1993, pp.10 e 11.

A dificuldade relatada por Reis, durante sua pesquisa em 1993, mostra-se, ainda hoje, bastante atual. A busca por registros documentais acerca dos músicos de Belo Horizonte, não somente sobre os flautistas, mostrou-se insatisfatória. Muitos dos programas de concertos e notas de jornais a respeito de apresentações musicais encontrados, não apresentavam nem mesmo o nome dos músicos participantes. Em sua maioria, os documentos encontrados, contemplavam apenas os compositores interpretados e/ou o maestro.

Durante a pesquisa, contamos, pois, na maioria das vezes, com informações orais de músicos e alguns poucos documentos. Vale aqui ressaltar, no entanto, que a gerência da Orquestra Sinfônica da Fundação Clóvis Salgado, mantém um registro com o nome dos integrantes da orquestra, bem como um arquivo com todos os programas de apresentação da orquestra e disponibilizou seus arquivos para consulta.

Face a essa realidade, ficou clara a necessidade de investimento na produção e na preservação de documentos históricos a respeito dos músicos. É interessante observar que, no que diz respeito às edificações, por exemplo, sempre houve uma preocupação grande por parte de organismos particulares e públicos em preservar os prédios públicos; mas no que se refere à conservação da memória pessoal, as iniciativas, são, bem recentes e em sua maioria, ações isoladas.

1.1– A importância da memória

A importância da preservação da memória cultural é tema urgente quando percebemos o efeito que as frenéticas inovações e infinitos recursos tecnológicos têm exercido sobre a sociedade. Muitas vezes, devido à tão rápidas transformações, o homem não tem tempo, nem meios de absorver tudo o que lhe chega aos olhos e à mente e assim, muitas vezes, importantes aspectos de sua própria existência são esquecidos ou não valorizados. Isso ocorre, porque a adição contínua de novos “artefatos” culturais e as novas tecnologias, como por exemplo, a transmissão instantânea de som e imagem, atinge o ser humano de tal forma que este não está preparado para lidar na profundidade necessária com o ritmo acelerado das mudanças. (Abreu e Chagas, 2003)

Concluimos então, que a maneira como a sociedade contemporânea cuida do seu passado e de seu presente e, por conseguinte de sua identidade, mostra que essa sociedade não tem sido capaz de lidar com as constantes transformações que a tem atingido. E nesse contexto, pessoas e seus feitos são esquecidos ou deixam de receber o devido reconhecimento. É necessário, portanto que haja um investimento coletivo em prol da preservação da memória histórica.

No entanto, a simples “manutenção de um aparelho sistemático de coleta e guarda de todas as coisas” que lembrem um fato ou alguém (Abreu e Chagas, 2003, p. 314), não satisfaz mais a mente crítica e reflexiva do homem moderno em sua busca por conhecimento. Na verdade, o resultado da busca pelo conhecimento

histórico baseada na obsessão por coleta de fragmentadas informações e resquícios do passado; é que “o “bem coletado” corre o risco de se desvitalizar e tornar-se apenas, um “arquivo morto”, um cemitério da experiência passada.” (Abreu e Chagas, 2003, p. 314). Assim, os bens coletados passam a ser vistos apenas como mais uma peça de exposição em museu, sem um significado real para a sociedade.

Por todas essas razões, sabemos que hoje em dia, a história enquanto disciplina e estudo sociológico, não visa explicar um passado distante e morto, desconectado da realidade contemporânea. E o que todos buscam quando se voltam para sua história ou para a história de quem quer que seja é; “a contribuição que ela pode trazer para a explicação da realidade em que vivemos” (Borges, 1983, p. 8) e essa contribuição é que faz com que sua preservação e divulgação sejam fundamentais.

Nossa crença é a de que o estudo de fatos passados pode explicar a realidade presente e por isso, buscamos um conhecimento que nos permita avaliar o significado desse passado e sua relação conosco. Fazendo assim, podemos conhecer nossa história; o que permite que conheçamos melhor o mundo em que vivemos, a realidade na qual estamos inseridos e sem dúvida, a nós mesmos. Além disso, através do conhecimento e da compreensão acerca das transformações passadas podemos atuar de maneira concreta e consciente no presente em busca de outras transformações e também conhecermos aqueles que ao participar com suas ações construíram o nosso presente e assim lhes prestarmos o devido reconhecimento.

Preservar a memória de algo ou alguém e conhecer a história nos permite superar os limites do nosso próprio tempo e enxergar um panorama muito mais amplo de ação. (Martins Filho, 2005, p. 30) Nesse sentido é que deve surgir uma consciência histórica e preservacionista. Uma consciência histórica que através de um diagnóstico do presente seja capaz de apontar e delinear ações futuras (Borges, 1983). Entendemos então que uma consciência preservacionista que acredita que “o que sabemos do passado, falso ou verdadeiro, determina nossa visão ou percepção do presente, se torna referência para o nosso entendimento do presente e guia para nossas ações e decisões no futuro”. (Martins Filho, 2005, p. 29)

Em adição, entendemos também que, a memória, por sua ação no presente e no futuro, deve ser vista como retrospectiva e prospectiva, pois além de proporcionar uma coerência interna à nova entidade que está sendo forjada, satisfaz uma

necessidade de sentido presente entre os que dela se apropriam; seja para ancorar no passado a experiência que se desenrola no presente ou como instrumento para a interpretação das nossas experiências no presente e para a previsão do que virá a seguir. (Abreu e Chagas, 2003)

Por fim, entendemos que a preservação de dados e artefatos que nos permitem identificar e conhecer nossas origens tem sua importância reafirmada quando recordamos que “boa parte da ciência moderna decorre da sistemática e maciça organização da memória enquanto prática reflexiva e crítica ocorrida no Ocidente entre os séculos XVI e XIX”. (Abreu e Chagas, 2003, p. 311).

1.2 – Memória e preservação - crise

Como vimos anteriormente, conhecer nossa história permite que conheçamos melhor o mundo em que vivemos, a realidade na qual estamos inseridos e sem dúvida, a nós mesmos. Além disso, o estudo de fatos passados nos ajuda a explicar a realidade presente e nos fornece um conhecimento que permite avaliar a significação desse passado e sua relação conosco, além de direcionar nossas ações futuras.

No entanto, apesar de sua importância, muitos especialistas como Richard Terdiman (1993), diagnosticam, uma verdadeira crise da memória na sociedade ocidental. (1999, SILVA, p. 13). Essa crise é alimentada pelo acelerado ritmo de mudanças do mundo contemporâneo e por uma cultura de massa industrializada onde os bens materiais possuem valor temporário e há uma busca desenfreada por novas aquisições tecnológicas e futuristas. Segundo Lemos (1987), paira no ar, um “total e notório descaso popular por tudo o que represente o passado morto, sendo o futuro sempre uma espécie de sonho dourado – inconscientemente buscam todas melhorias de vida destruindo lembranças de antigamente.” (p. 107)

Hoje, em virtude do grande aparato tecnológico a que estamos expostos, as grandes redes de televisão junto com os jornais, as revistas, os sites da internet fazem retrospectivas dos acontecimentos, suas origens e desenvolvimento. “Nos canais de televisão educativa, nos canais especializados em história na TV a cabo, temos acesso a documentários, biografias, debates, sobre história e suas interpretações.” (Martins Filho, 2005, p. 65) Assim, a sociedade atual vem assistindo desde o século XIX a uma proliferação de memórias artificiais (Abreu e Chagas, 2003, p.47) representadas por recursos tais como “fotografia, cinema, gravadores,

computadores e CD-ROMs. (Abreu e Chagas, 2003, p.312, 313) e se sente impelida a esquecer ou mesmo desprezar o passado e a observar impassível à destruição de elementos de seu patrimônio cultural. Em adição a ação desses variados recursos exteriores de memória é necessário lembrar que, “a globalização e a rápida expansão e sofisticação dos meios de comunicação, o surgimento de novas mídias, como a TV a cabo e a internet têm exposto as pessoas, praticamente em tempo real, a tudo que acontece em todas as partes do mundo; de desastres naturais a guerras, eleições, morte do Papa, etc.” Martins Filho, 2005, p. 64,65

Frente então, à velocidade que as informações atingem a sociedade, um diferencial no tratamento dessas informações é de extrema importância. No entanto, percebe-se que ainda precisamos caminhar muito em direção a uma cultura que privilegie e valorize a preservação de bens culturais de diversas naturezas, especialmente, como já dissemos antes, aqueles que não estão diretamente ligados a economia de mercado e ao lucro. Enquanto não alcançamos o ideal, aos poucos “vamos aprendendo sobre o que guardar hoje para a boa salvaguarda de nossa memória futura.” Lemos, 1987, p. 22

1.3 – Ações preservacionistas

Na atual sociedade, vivemos em um contexto social que desvaloriza o antigo e a preservação. Nesse contexto, nota-se que cada vez mais o caminho para a melhoria nessa área é a educação. Lemos (1897), sugere que a chamada “crise da memória” é agravada a cada dia pela falta de esclarecimento popular quanto à importância da preservação de nosso patrimônio, o que ele chama de deseducação coletiva. (p. 84) Para ele, seria necessária a implantação de um ensino escolar que promova e propicie a construção de uma consciência preservacionista. Sendo assim, um dos primeiros passos em direção a uma nova consciência “está na elucidação popular, na educação sistemática que difunda entre toda a população, dirigentes e dirigidos, o interesse maior que há na salvaguarda de bens culturais.” Lemos, 1987, p. 109.

Como fruto de uma consciência preservacionista renovada deve surgir uma maneira diferenciada de encarar a produção e a preservação de documentos, pois em nossa cultura, documentos (no sentido amplo do termo) não são conservados nem valorizados. Essa realidade é herdeira de uma tradição que sempre valorizou o material. Segundo Silva (1999), “em países como o Brasil, o trato do registro

documental e da informação ainda difere bastante daquele existente em países ditos “avançados”. (p. 56). Sem dúvida alguma, a falta de um cuidado maior com informações e documentos, no sentido amplo do termo, constitui um grande risco para a preservação. E o que vem corroborar para uma maior preocupação em relação à preservação, é a constatação de que “a maior parte dos acontecimentos (sabemos até mesmo pela nossa própria experiência pessoal) não deixa nenhum registro, vestígio ou pista de qualquer natureza”. (Martins Filho, 2005, p. 35) Além disso, percebemos que “apenas uma parte mínima do que aconteceu foi lembrado; apenas uma parte mínima do que foi lembrado foi registrado; apenas uma parte mínima do que foi registrado sobreviveu.” (Martins Filho, 2005, p. 35)

Até o começo do século XX, somente edificações, monumentos, espaços e marcos históricos eram contemplados pelas políticas de preservação. Contudo, após a Segunda Guerra Mundial, surgiu de forma lenta, uma nova percepção de patrimônio; influenciada pela prática de preservação oriunda de países asiáticos e impulsionada pela grande expansão cronológica, tipológica e geográfica que o campo do patrimônio sofreu. (Abreu e Chagas (orgs), 2003, p. 48, 49)

A partir de 1970, segundo Silva (1999), várias universidades passaram a agir gradativamente a fim de preservar seu patrimônio documental. No entanto, devido à ausência de instituições dedicadas à preservação do patrimônio documental brasileiro e o descaso dos poderes públicos, das instituições privadas e das entidades particulares as fontes de pesquisa e de informação necessárias ao desenvolvimento dos estudos acadêmicos, não estavam (como ainda não estão) acessíveis ao pesquisador. (Silva, 1999, p. 56)

A constituição de 1988 veio trazer uma mudança paradigmática ao considerar, para fins de preservação, não só os bens materiais, mas também a figura dos bens culturais de natureza *imaterial*. (Fonseca, 2004, p.1). Mário de Andrade e suas propostas preservacionistas de vanguarda foram um dos primeiros impulsos para essa mudança de concepção.

Como resultado, hoje, “o Brasil vive um momento especialmente interessante no que se refere à política de proteção patrimonial de seus bens culturais,” (Fonseca, 2004, p.1).

Apesar das primeiras ações em defesa do patrimônio cultural brasileiro terem emanado do poder público, hoje, é comum que universidades, comunidades, indivíduos e agentes culturais busquem formas de associação e cooperativismo que

permitam preservar e salvaguardar os chamados “patrimônios setoriais”. Assim, em face da rica diversidade cultural que permeia o patrimônio brasileiro, surge uma idéia bem consistente e de fragmentação do patrimônio cultural. Partindo dessa visão setorial, “cada classe social, cada grupo econômico, cada meio”(…) procura “selecionar elementos culturais de seu interesse para que sejam guardados como testemunhos” (Lemos, 1987, p. 30,) ou seja, como referenciais memoriais daquela classe específica.

Nesse sentido é que pretendemos aqui pesquisar a história dos flautistas e salvaguardar registros memoriais dessa classe musical em Belo Horizonte.

1.4 - A história dos flautistas de Belo Horizonte – Uma micro-história dependente da memória individual

Durante essa pesquisa, percebeu-se uma grande deficiência na produção e preservação de documentos e na manutenção de arquivos que relatem a história dos músicos de Belo Horizonte. Em sua maioria, as informações recolhidas foram fruto de depoimentos individuais dos próprios flautistas ou de pessoas ligadas a eles.

Poucos são os registros que procuram manter viva a memória das pessoas que fizeram a história musical de Belo Horizonte. Como exemplo de trabalhos nesta área, citamos os livros sobre a Escola de Música da UFMG, um de autoria da professora Sandra Loureiro e o segundo acerca da composição musical de autoria do professor Sérgio Freire; além das dissertações de mestrado dos flautistas Fernando Pacífico Homem, acerca do flautista Expedito Viana e de Cristiano Lages Duarte a respeito do também flautista Juvenal Dias da Silva.

É admirável que ainda hoje, apesar da importância que a preservação da memória tem na vida das novas gerações, as pessoas e suas histórias não sejam devidamente valorizadas. A nova geração de flautistas, por exemplo, não conhece as gerações anteriores; talvez porque nunca se interessou, ou porque não teve acesso a documentos que permitam conhecer a trajetória histórica de sua própria classe musical. Mas, como ter acesso a tais documentos? Onde eles estão? De acordo com nossas pesquisas, estas informações estão guardadas na mente de diversas pessoas. Portanto, se não houverem iniciativas no sentido de documentar tal conhecimento e preservar a memória dessa e de outras classes musicais, tais informações tendem a se perder.

Em um contexto familiar, por exemplo, percebemos que a preservação da história de determinada família é efetuada pela guarda de objetos, fotografias e certos documentos. Além disso, o depoimento das pessoas mais antigas da família permite que as novas gerações tenham acesso à sua origem e sua história.

Também em outras áreas da vida, cada vez mais, a memória como conhecimento do passado, é dependente de lembranças de certos indivíduos e é nesse sentido que os orientais afirmam que quando morre um ancião, perde-se uma vasta biblioteca. Essa crença é reflexo de uma cultura na qual “os objetos jamais foram vistos como os principais depositários da tradição cultural. (Abreu e Chagas, 2003, p 49). Nesses países, “a concepção de preservação e de patrimônio cultural é bem diferente da encontrada em países ocidentais” (Abreu e Chagas, 2003, p 49). Naqueles países, a ênfase recai, sobretudo, no ser humano e no seu valor individual e não diretamente no que ele produz ou apenas em representações materiais de determinado grupo ou época.

Ancorado nessa tradição, o Japão, em 1950, instituiu a primeira legislação de preservação do seu patrimônio cultural. Nela, as obras de arte e as edificações não foram o seu alvo, mas o incentivo e o apoio a pessoas e grupos que mantêm as tradições cênicas, ritualísticas e técnicas. (Abreu e Chagas, 2003). Inspirando-se no Japão, que concedeu um prêmio especial denominado “Tesouros Humanos Vivos” e na concepção de conservação e preservação dos países do Oriente; a UNESCO elaborou um guia, propondo que em cada país fosse criado um sistema de “Tesouros humanos vivos” ou “sistema de bens culturais vivos”. (Abreu e Chagas, 2003, p 83).

Firmadas nessa recomendação da UNESCO, diversas iniciativas começaram a ser postas em prática no Brasil, e em especial ações e políticas de preservação e incentivo a bens culturais. Como resultado dessa nova maneira de compreender os bens culturais, diversos seguimentos sociais e corporativos tem se voltado para preservação de bens que não precisam estar necessariamente “inseridos na lógica da economia de mercado para poder simbolicamente se perpetuarem, serem valorizados e traduzirem memória e identidade cultural. (Fonseca, 2004, p. 12)

Nessa nova percepção de bem cultural, inserem-se diversas micro-memórias ou micro-histórias. O termo micro-história é definido por Lichtman (1978), como “a história sob o microscópico” ou seja, um “estudo detalhado e intensivo das vidas de indivíduos particulares e grupos”. As micro-memórias ou micro-histórias “se

inscrevem e transcorrem dentro da memória coletiva da sociedade” (Abreu e Chagas, 2003) e sua divulgação constitui-se “uma das mais efetivas contribuições à historiografia”. (Martins Filho, 2005, p. 67)

Segundo Lichtman (1978), o estudo das micro-histórias é importante e relevante para a vida da sociedade, porque “não apenas alcança incomparável precisão, mas também revela os finos detalhes e a rica variedade da experiência humana.” (pp.153-158 *apud* Martins Filho, 2005, p. 70) Por fim, segundo Martins Filho (2005), “embora não se possa sustentar que a história geral ou estadual seja a soma das histórias locais, é certo que as generalizações nunca serão seguras se não levarem em conta os desenvolvimentos locais.” (p. 67)

Tendo em vista esse sentido de micro-história, como corte restrito da história, sua atuação como corretivo útil para as generalizações que podem distorcer a realidade, sua importância para a construção de um conhecimento mais seguro e amplo do todo, além da necessidade de sua preservação e divulgação é que pretendemos abordar a história dos flautistas de Belo Horizonte.

Dentro do escopo dessa pesquisa, entendemos que os resultados podem não permitir inferências além da amostra particular que está sendo examinada. No entanto, defendemos sua necessidade e importância por acreditamos que, falar sobre a preservação da memória narrativa dos flautistas e orquestras de Belo Horizonte é também resgatar e narrar de certo modo, a história cultural de Minas e do Brasil.

CAPÍTULO II

OS FLAUTISTAS DE ORQUESTRAS DE BELO HORIZONTE: FORMAÇÃO E ATUAÇÃO PROFISSIONAL

Devido ao foco desse trabalho, que contempla os flautistas de orquestra de Belo Horizonte, neste capítulo serão apresentados em ordem alfabética os flautistas que foram entrevistados como sujeitos da pesquisa.

Durante a pesquisa foram encontradas referências á atuação de dezoito flautistas nas orquestras de Belo Horizonte. Entre os dezoito flautistas pesquisados, dois já são falecidos; no entanto, informações acerca de sua formação musical e atuação profissional foram cedidas por seus familiares.

Infelizmente, não foi possível captar dados acerca de todos os flautistas objetos dessa pesquisa. Um dos flautistas não foi encontrado e outro se recusou a participar da pesquisa, não respondendo ao questionário e não fornecendo informações a respeito de sua formação e atuação musical.

A fim de montar o banco de dados que se segue; os flautistas foram convidados a responder um questionário acerca de sua formação, atuação profissional e situação na orquestra em que atua ou atuou, além de fornecerem as fotografias e as informações transcritas a seguir.

Alexandre Braga



Graduado com nota máxima em flauta pela UFMG na classe do professor Artur Andres, Alexandre Braga Rezende iniciou seus estudos musicais em 1986 no conservatório Estadual de Varginha, Minas Gerais com a professora Leonilda Silva.

Alexandre participou de vários cursos e master-classes em Vitória, Juiz de Fora, Campos, Rio de Janeiro e Curitiba tendo como principais orientadores os professores Norton Morozowisc, Odete Ernest Dias e Pauxy Nunes. Foi vencedor do X e XI Concurso jovens Solistas

da UFMG, menção honrosa no I Concurso Jovens Solistas da Orquestra sinfônica da Bahia e vencedor do I concurso jovens músicos BDMG.

Alexandre já atuou como solista frente à Orquestra Sinfônica da Bahia, Orquestra sinfônica da UFMG, Orquestra Experimental da UFOP, Orquestra SesiMinas, Orquestra de Câmara Uni-Bh e Orquestra de Câmara de Itaúna.

Atualmente, Alexandre é flautista e piccolista da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, primeiro flautista solista da orquestra Experimental da UFOP e professor de flauta no Cefar – Escola de música da Fundação Clóvis Salgado.

Antônio Carlos Guimarães



Antonio Guimarães é professor de flauta na Universidade Federal de São João Del-Rey. Antonio é Doutor em Artes Musicais pela University of Iowa, EUA, onde estudou flauta com Tadeu Coelho e Robert Dick. Na University of Iowa participou como flautista do Centro de Música Contemporânea, com o qual se apresentou em uma “tourneé” pela Costa Leste dos EUA. Apresentou-se também como solista do La Fosse Baroque Ensemble sobre a direção do violinista Leopold La Fosse.

Antonio foi primeiro flautista da Dubuque Symphony, Iowa, EUA de 2001 a 2003, e apresentou-se frequentemente como primeiro flautista da Orquestra da University of Iowa. Também foi flautista da Orquestra do Festival de Aspen, Colorado, em 2000 e atuou como flautista convidado da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais na temporada de 1996-97 e como flautista da Orquestra da UFM entre 1990 e 2006.

Freqüentou master-classes com Keith Underwood e Julius Baker nos EUA. No Brasil Antonio estudou com Artur Andrés na UFMG em master-classes com Odette Ernest Dias e Antonio Carrasqueira. No Festival de Aspen no Colorado, EUA, em 2000 estudou com Mark Sparks e tocou sobre a direção dos Maestros James Colon e Murry Sidlin.

Antonio Guimarães apresentou-se em recitais juntamente com a pianista Flávia Botelho em varias cidades do Brasil como Brasília, Belém, Belo Horizonte, Vitória, Juiz de Fora e recentemente apresentou-se como convidado do VI Festival de Flautistas de Salvador promovido pela Associação Brasileira de Flautistas.

Como professor de flauta, Antonio lecionou na Universidade Estadual de Minas Gerais em Belo Horizonte, na Cedar Rapids Symphony School em Iowa, e no Curso de Formação Musical da UFMG. Atuou como coordenador pedagógico da área de sopros do Centro de Musicalização Infantil da UFMG, e foi professor de flauta no Inverno Cultural de São João Del-Rey, MG, em 1996, 1997 e 2004; e do Festival de Domingos Martins no Espírito Santo em 2004 e 2006.

Algumas das premiações obtidas incluem bolsa de estudos da CAPES para doutorado na University of Iowa, Segundo lugar no Concurso Jovens Solista Brasil-Piracicaba / 1987, Primeiro Lugar no Concurso Jovens Solistas da Orquestra da UFMG / 1987, e primeiro lugar no Concurso de Música de Câmara da UFMG 1988.

Antonio Guimarães tem desenvolvido intensa atividade de pesquisa na área de performance musical, na sua tese de doutorado escreveu sobre prática de performance em obras selecionadas do compositor Brasileiro Osvaldo Lacerda. Na Universidade federal de São João Del-Rey leciona disciplinas na área de Psicologia da performance musical. Antonio Guimarães é um Artista da Miyazawa Flutes.

Artur Andrés Ribeiro



Artur Andrés, Doutor em Música pela Escola de Música da UFMG, onde há 24 anos é professor das cadeiras de Flauta e Música de Câmara, foi finalista de dois concursos: "Prêmio Eldorado" de 1985, e "II Concurso Nacional Jovens Intérpretes da Música Brasileira" de 1984, promovido pela INM/Funarte.

Estudou flauta com os seguintes professores: Expedito Viana, Sebastião Viana Bettine Clement, Carlo Bosticco, Renato Axelrud, Odette Ernest Dais e Toninho Carrasqueira.

Trabalhou durante sete anos como flautista

da Orquestra Sinfônica do Estado de Minas Gerais, onde atuou sob a regência de maestros como Eleazar de Carvalho, Fábio Mechetti, Cláudio Santoro, David Machado, Sérgio Magnani, Benito Juarez dentre outros. Como solista, apresentou-se por diversas vezes com as orquestras OSMG, Sesiminas, UFMG e Orquestra Sinfônica de Campinas.

É membro fundador do Grupo UAKTI - Oficina Instrumental, com quem vem desenvolvendo há 26 anos um trabalho inovador no panorama da música instrumental brasileira, com amplo reconhecimento nacional e internacional.

Com o UAKTI, participou em diversos trabalhos de Milton Nascimento, Paul Simon, The Manhattan Transfer, Philip Glass, Stewart Copeland, Ney Matogrosso, Maria Bethânia, Caetano Veloso, José Miguel Wisnik, Grupo Corpo e outros importantes artistas.

Com centenas de apresentações realizadas no Brasil, EUA, Europa e Japão, e dez CDs lançados no mercado internacional, quatro deles através do renomado selo Point-Music, de Nova Iorque, dirigido pelo compositor norte-americano Philip Glass, o UAKTI recebeu importantes premiações: o Prêmio Santista 97, na área de Artes, pela Inovação na Música Popular Brasileira; o Prêmio Ministério da Cultura 96, de Melhor Grupo de Música; o prêmio Sharp de 1989, dentre outros.

Paralelamente ao trabalho com o UAKTI, desenvolve intensa atividade como recitalista, flautista e compositor. Com o DUO de Flauta e Piano desenvolve há 27 anos um trabalho musical diversificado, tendo gravados seis CDs - Encontro Barroco I (1984), Encontro Barroco II (1985), DUO (1999), Cantos e Ritmos do Oriente (2000), Músicas dos Sayyids e Derviches (2002), Hinos Preces e Ritos (2004), estes três últimos trabalhos, incluindo exclusivamente obras de G.I.Gurdjieff/de Hartmann.

Em 2007, lançou com o UAKTI, o DVD "*UAKTI*", primeiro do grupo.

Artur Andrés é também autor do livro *Uakti: um estudo sobre a construção de novos instrumentos musicais acústicos* (C/Arte, 2004) primeiro livro editado sobre o grupo.

Bettine Clemen



Bettine Clemen desfruta uma carreira Internacional ativa como solista, artista de gravações e artista orquestral. Em seus concertos ela apresenta sete flautas diferentes e apresentam aspectos variados de sua próspera carreira. Sendo assim, ela apresenta um repertório que mescla popular, jazz e composições originais entrosadas com clássicos, além de um toque pessoal de humor.

Bettine começou tocando violino, piano e flauta doce aos seis de idade e a flauta transversal aos 12. Obteve o grau de Mestre em Música na Academia de Música em Munique onde ela estudou com Prof. Walther Theurer. Estudou também com flautistas europeus renomadas Aurele Nicolet e Peter Lukas-Graf, e participou de Master Classes com James Galway e Julius Baker.

Nascida na Bavária, Bettine fez carreira cedo com orquestras prestigiadas como a Bach Orquestra de Munique, a orquestra da rádio de Praga, e a orquestra Mozarteum de Salzburg. Em 1978 ela se tornou a flautista de solo da sinfônica de Belo Horizonte no Brasil. A chuva na floresta amazônica tiveram uma grande influência nas composições dela e conduziram à gravação do CD 'Love Song to a Planet'.

Ao sair do Brasil, se mudou para o EUA. onde embarcou em uma próspera carreira solo. Mais recentemente ela gravou os álbuns, 'Echoes of Life'(1998), 'Salut d'Amour'(1998), and 'Communion'(2000). Além de suas apresentações em espaços importantes em Londres e Nova York, Bettine tem tocado ao longo dos Estados Unidos, Canadá, Austrália, o Leste Distante e como artista em diferentes navios de cruzeiro.

Além de manter sua carreira solo e viajar por todo o mundo em cruzeiros marítimos, Bettine Clemen tem se envolvido com os aspectos do poder curativo de música. Sempre foi sua convicção que música pode ser uma ferramenta a inteireza e bem-estar; sendo assim, tem dado palestras e entrevistas sobre o assunto.

Carlo Bosticco

Dados não disponíveis

Cristiano Lages Duarte



O maestro Cristiano Lages Duarte, nasceu na cidade de Itinga, Minas Gerais, no Vale do Jequitinhonha.

Iniciou seus estudos musicais na Escola de Formação da Polícia Militar do Estado Minas Gerais. É bacharel em flauta, composição e regência pela Universidade Federal de Minas Gerais. É pós-graduado em magistério superior pela fundação mineira de Arte Aleijadinho e mestre em música brasileira pela universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estudou flauta com os professores: Otávio de Paula Xavier, Sebastião Vianna, José Ananias Lopes(São Paulo), Eduardo Monteiro(Rio de Janeiro), Odette Ernest Dias(França), Grace Busch(USA), Keith UNDERWOOD(USA) e Luiz Fernando Sieciechowicz(Suíça); regência de orquestra com os maestros Marcos Menezes, Per Brevig(USA), Flávio Florence(São Paulo), Osvaldo Colarusso(Londrina), Cláudio Ribeiro(R.G. do sul) e Silvio Viegas(BH) e regência de banda sinfônica com o maestro Roberto Farias(São Paulo).

Foi mestre da Banda de música do Batalhão de Guardas da Polícia Militar de Minas Gerais, da Banda de música da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais e da Banda de Música do Palácio do Governo de Minas Gerais; além de maestro da Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais.

Juntamente com o maestro João Batista Gonçalves fundou a Banda Filarmônica de Belo Horizonte e coordenador do Projeto Bandas de Música da

UFMG, onde também atuou como maestro da Banda Sinfônica da Escola de Música da UFMG.

Como flautista, foi recitalista em muitas oportunidades ao longo de sua vida artística, com pianistas de grande renome, tais como: Isolda Garcia de Paiva, Jilka Nastasy e Eliane Fagioli.

Como solista, tocou com a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais e com a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Minas Gerais.

Tocou ao lado do grande flautista Juvenal Dias da Silva com a orquestra Sinfônica da UFMG e com a Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte.

Atualmente, é professor de flauta na Escola de música da Universidade do Estado de Minas Gerais, professor de flauta do curso de extensão da UFMG e 1º flautista da Orquestra sinfônica da Escola de Música da UFMG.

Eduardo Henrique Pinheiro

Dados não disponíveis

Expedito Vianna

Expedito Vianna, nascido em 1928, natural de Visconde do Rio Branco, Minas Gerais, foi flautista, cantor e professor.

Responsável pela formação de vários flautistas no Brasil tornou-se conhecido pela bela e inconfundível sonoridade obtida na flauta através de um trabalho de pesquisa.



Vianna veio de uma tradicional família de músicos. Em sua família, onze irmãos estudaram música, tendo seis deles atuado como profissionais em orquestras. Iniciou seus estudos no flautim aos sete anos de idade, em sua cidade natal com o irmão Sebastião Vianna. Transferindo-se para Belo Horizonte MG, ingressou na Orquestra Sinfônica da Polícia Militar em 1954.

Em 1958, foi estudar em Salvador-BA, nos Seminários Livres de Música, idealizados por Hans Joaquim Kollreuter. Ali cursou flauta com Armin Guttman, canto com Hilde Sinnek e matérias teóricas com H. J. Kollreuter. Retornando a Belo Horizonte, iniciou o curso de bacharelado em flauta transversal no antigo Conservatório, hoje Escola de Música da UFMG, vindo a concluí-lo em 1964, na classe do professor Fausto Assumpção.

Ainda em 1964, Expedito Vianna voltou aos Seminários Livres de Música da Bahia, desta vez como professor e flautista da orquestra por um ano. De volta a Belo Horizonte assumiu o cargo de professor da Escola de Música da UFMG onde permaneceu até sua aposentadoria em 1992.

Na Orquestra Sinfônica de Minas Gerais – OSMG, Expedito Vianna atuou como primeiro flautista, de 1981 a 1988.

Fernando Pacífico Homem



Graduado com nota máxima pela universidade Federal da Bahia e mestre em performance Musical pela UFMG, classe do Professor Maurício Freire.

Atuou durante seis anos como primeiro flautista da Orquestra Sinfônica da Bahia e por sete anos como primeiro flautista da Orquestra sinfônica Brasileira, no Rio de Janeiro, onde também pertenceu ao Quinteto Villa Lobos.

Em 1990 foi contemplado com a Bolsa Vitae para estudos de aperfeiçoamento na Alemanha onde estudou com Renate Greiss Armin e Mathias Allim. É atualmente primeiro flautista concursado e chefe de naipe da Orquestra sinfônica de Minas Gerais.

Como docente, ocupou os cargos de professor substituto de flauta transversal na Universidade Federal da Bahia e professor de flauta e Música de Câmara no

Centro de Formação Artística da Fundação Clóvis Salgado – CEFAR. Desde 1998 é professor de flauta transversal na Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG.

Como solista, apresentou-se frente à Orquestra Sinfônica da Bahia, Orquestra Sinfônica da UFBA, Orquestra de Câmara da UFMG, Orquestra Sinfônica de Minas Gerais e Orquestra de Câmara do SESIMINAS. É integrante do Quarteto Minas Arte além do duo com a pianista Sandra Almeida.

Job Lopes da Silva



Job Lopes da Silva, natural de Recife, 31 anos; iniciou seus estudos musicais na adolescência.

Sua formação musical inclui estudos em âmbito militar, através da Polícia Militar de Minas Gerais, onde alcançou o nível técnico em flauta e saxofone, e também a conclusão da graduação em saxofone pela escola de música da UFMG.

Suas primeiras atuações profissionais foram ainda em Pernambuco, tocando saxofone na banda da prefeitura de São Lourenço da Mata em 1994 e integrando o

Quarteto de saxofones(Adolphe Sax) em Recife PE em 1995

De mudança para Belo Horizonte, começou a atuar como 2º flautista da orquestra sinfônica da PMMG em 1996; cargo que tem exercido até hoje. A partir de 1997, fez sua integração ao mercado de prestação de serviços musicais como autônomo, tendo atuado até então nesta área.

Em 2006, atuou como orientador de flauta no primeiro encontro e reciclagem de bandas na cidade de Passos(MG). Tem participado de diversos cursos na área de música, entre eles: a 13ª oficina de musica realizada na cidade de Curitiba PR, em 1994; o 1º encontro de bandas na cidade de Aracajú (Sergipe) em 1965, curso de harmonia popular e improvisação realizado na escola de música do Palácio das Artes em Belo Horizonte; curso em acústica, sonorização e prática de gravação digital realizado pela Aquário Project engenharia em Belo Horizonte.

Sua experiência profissional inclui ainda: prática em bandas de música e orquestras de música popular(frevo, big bands e orquestras sinfônicas) atuação musical em âmbito militar(flauta e saxofone), trabalhos em projetos culturais e experiência em prestações de serviço musicais(casamentos, recepções, festas, bailes etc.)

José Carlos da Rocha



José Carlos da Rocha, nascido em trinta e um de outubro de mil novecentos e sessenta e cinco é natural da cidade de Tarumirim, Minas Gerais.

Iniciou seus estudos musicais no ano de 1975 na cidade de Ipatinga – MG, tocando saxofone tenor na banda de música da Guarda Mirim desta; ingressando posteriormente no curso básico de música com habilitação em flauta no conservatório de Ipatinga na classe do professor Otávio.

Em fevereiro de 1986, ingressou no curso de formação de sargentos músicos da Polícia Militar de Minas Gerais na atual Academia de Polícia Militar, vindo a formar-se em dezembro deste mesmo ano e sendo inserido nos quadros da orquestra sinfônica desta instituição como 2º flautista, auxiliando o 1º flautista Pedro de Castro. Em 1988 foi promovido à vaga de 1º flautista

No ano de 1987 fez um curso de flauta transversal no Centro de Formação artística do Palácio das Artes na classe do professor Juvenal Dias e em 1991 fez aulas no curso – flauta transversal II com os professores: Juvenal Dias e Pâmela Schmitzer. Em 1971 cursou percepção musical IV com as seguintes professoras: Ana Claudia e Adriana Braga e foi também aluno do flautista Celso Woltzenlogel em um festival de Inverno na cidade de Teresópolis, RJ em 1988.

Participou também da orquestra jovem do Conservatório Mineiro de Música onde teve aulas de flauta com o professor Expedito Viana. Concluiu o curso de

graduação em flauta transversal pela UEMG e atualmente é aluno do curso de pós-graduação em regência coral.

Foi regente da banda de música do 9º batalhão da Polícia Militar de Minas Gerais no ano 2006 e professor do curso de Sargentos músicos no centro de ensino técnico desta mesma instituição na matéria de ditado musical no ano 1994. Atualmente é professor de percepção musical do curso de aperfeiçoamento de sargentos músicos desta mesma escola e flautista a 10 anos do Grupo Valéria Barbosa que se apresenta em casamentos e eventos variados.

Juvenal Dias da Silva



Juvenal Dias da Silva, nascido em 1908, iniciou seus estudos de flauta com o flautista José Wellerson Nogueira da Gama. Com a instalação do conservatório Mineiro de Música em 1925, foi o primeiro aluno a matricular-se no curso de Flauta, na classe do professor Fausto Assunção.

Em 1921, com apenas treze anos de idade, iniciou como profissional da música tocando na Empresa de Cinema “Gomes Nogueira, atuando em várias orquestras na anti-sala do cinema mudo. Nessa empresa ele trabalhou de 1921 a 1929.

Em 1938 ingressou na rádio Inconfidência onde dirigia um regional, tocou na orquestra sinfônica, na orquestra melódica, na orquestra de dança e na orquestra de salão; sempre no horário noturno. Além disso, participou dos últimos nove meses do Cassino Pampulha e inaugurou as rádios Mineira, Guarani.

Ao longo de mais de setenta anos de atividades musicais, Juvenal Dias trabalhou em diversas instituições musicais em Belo Horizonte: a Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte, a Rádio Inconfidência de Belo Horizonte, a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Minas Gerais, a Orquestra do

Palácio das Artes de Belo Horizonte, a Sociedade Coral de Belo Horizonte e a Cultura Artística de Minas Gerais, da qual foi diretor durante uma temporada.

Maurício Freire Garcia



Maurício Freire Garcia nasceu em dezoito de janeiro de 1966, em Belo Horizonte.

Vencedor de diversos concursos nacionais, como o de Piracicaba em 1983 e 1985, iniciou seus estudos musicais em 1978 na Fundação de Educação Artística. Posteriormente continuou seus estudos da

Fundação Clóvis Salgado, onde ingressou na Orquestra Jovem do Palácio das Artes. Em 1987 ingressou na Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, onde permaneceu até 1993.

Mauricio Freire é professor da Universidade Federal de Minas Gerais, onde exerceu o cargo diretor da Escola de Música e diretor de Relações Internacionais. Graduado pela mesma instituição em 1987 é o único flautista a receber o título de doutorado no mundialmente reconhecido New England Conservatory, EUA, em 24 anos de existência do programa.

Nas cinco últimas temporadas tem atuado com 1º. Flautista Solista da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e mantém uma ativa carreira como solista e camerista. Já se apresentou nas principais salas do país além dos EUA, Europa e América do Sul.

Em 2005, ao lado do pianista Nelson Freire, apresentou-se no festival Piano aux Jacobins em Toulouse, França e em Boston atuou como solista na "Boston Chamber Music Society", no "New England Conservatory Bach Ensemble" e no "Contemporary Ensemble".

Também em Boston, atua regularmente com o renomado grupo de música contemporânea “Boston MusicaViva”, com o qual, em maio de 2002, foi solista na primeira audição mundial da ópera “The Mockingbird”, de Thea Musgrave.

Aclamado pela crítica, como “...um flautista especial” pelo The Boston Globe - Boston, EUA; recebe ainda elogios diversos tais como: “Muitos vivas a Mauricio Freire” da WBUR em Boston, EUA e da Folha de São Paulo: “...Freire apresenta um virtuosismo de tirar o fôlego”.

Figuram entre seus professores James Galway, Paula Robison, Fenwick Smith, Expedito Vianna, Artur Andrés e Antônio Carrasqueira.

Nivaldo Francisco de Souza



Natural de Barbacena (MG) iniciou seus estudos de música em Belo Horizonte, onde foi aluno do prof. Sebastião Vianna. Transferindo-se para Brasília, formou-se em música (bacharelado) pela Universidade de Brasília, na classe da prof^a Odette Ernest Dias.

Flautista do Quinteto de Sopros de Brasília. Foi professor de Flauta e Música de Câmara da Escola de Música de Brasília (1968-1996). Foi professor convidado do Curso Internacional de Verão de Brasília de 1978 até 1993 e um dos fundadores do Clube do Choro de Brasília.

Entre as participações nas gravações de discos, constam: “Música Brasileira I e II”, editados pela UnB; “Banda de Música 1 e 2”, “Recordações de um Sarau Artístico”, “Aos Mestres com Carinho e Ternura” e “Chorando Callado 2”, estes pela FENAB.

É 1^a flauta e um dos fundadores da Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional Cláudio Santoro (OSTNCS) e, desde 1987 ocupa também o cargo de chefe de naipe e flautista solista, posição obtida por ter conquistado o 1^o lugar em concurso público.

Nivaldo de Souza realizou concertos como solista frente às orquestras Fundação Orquestra Sinfônica de Brasília (FOSB) e Orquestra Sinfônica do Teatro

Nacional Cláudio Santoro, com a qual vem atuando em todas as turnês, nacionais e internacionais, e nas gravações realizadas por esta orquestra (OSTNCS).

Otávio de Paula Xavier



Otávio de Paula Xavier, natural de Sete Lagoas nasceu em vinte e cinco de novembro de mil novecentos e treze. Iniciou seus estudos musicais com seu pai aos sete anos de idade e aos oito já fazia parte da retreta de Sete Lagoas.

De mudança para Belo Horizonte, ingressou ainda bem jovem na Polícia Militar e concluiu o curso de música do Conservatório Mineiro de Música, graduando-se em flauta transversal.

Foi contra-mestre da Orquestra da Polícia Militar e mestre da Banda de Música de Betim, tendo também passado um ano no Rio de Janeiro a cargo da Polícia Militar no curso de Fuzileiros Navais.

Otávio Xavier gravou CD's, participou de grupos de serestas, atuou no ramo de casamentos e deu aulas para diversas personalidades ilustres da capital mineira.

Além das aulas particulares, lecionou também em escolas em Betim, Sete Lagoas e Ipatinga e preparou diversos alunos para a prova do Conservatório Mineiro de Música.

Atuou como flautista na orquestra sinfônica Mineira, na orquestra sinfônica da Polícia Militar, na orquestra da TV Itacolomi e na orquestra da Rádio Guarani.

Embora tenha se aposentado pela Polícia Militar de Minas Gerais, manteve ainda intensa atividade musical até o momento de seu falecimento; em Belo Horizonte em vinte e nove de Agosto de dois mil e cinco.

Pamela Kay Schmitzer



Pamela Schmitzer, formada “Summa Cum Laude” como Bacharel em música pela Universidade de Ohio, atua como segunda flautista da OSMG desde 1988.

Foi primeira flautista da orquestra sinfônica de Ribeirão Preto em 1993 e das orquestras regionais da SUNY (State University of New York) Genesco e SUNY Brockport de 1984 a 1986, além da Orquestra Sinfônica da universidade de Ohio e da orquestra de Câmara da mesma instituição.

De 1981 a 1983 foi professora de flauta do Preparatory Department da Ohio University e de 1991 a 2003 foi professora de flauta do CEFAR- em Belo Horizonte, Brasil. Também leciona particularmente desde 1981.

Iniciou seus estudos musicais como criança. Canto e teoria musical na escola primária aos sete anos de idade, aulas particulares de piano aos oito anos e flauta transversal na escola pública nos EUA aos onze anos de idade.

Participou da banda sinfônica do colégio dos onze aos dezessete anos de idade, além de trios, quartetos e quintetos. De 1970 a 1983, como aluna universitária, participou de grupos de câmara, banda sinfônica, orquestra sinfônica e orquestra de câmara com parte de seu curso de formação.

Como profissional, atuou como solista a convite da orquestra sinfônica da Escola de Música da UFMG em 1978 e da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais em 1977, 1989 e 2000 e está sempre atuante como camerista e professora no meio musical de Belo Horizonte, Brasil, onde está radicada há mais de trinta anos.

Pedro de Castro Ribeiro



Pedro de Castro Ribeiro nasceu em 1939 em Cachoeira do Campo, distrito de Ouro Preto, Minas Gerais, tendo iniciado seus estudos musicais, ao saxofone, com seu pai, ainda na infância.

Concluiu o curso superior, habilitando-se em flauta transversal em 1960 e durante sua formação teve como professores os flautistas: Sebastião Viana, Expedito Viana e Jean Noel Sagard.

Ingressou na polícia militar como flautista aos 16 anos de idade, atuando na corporação de 1955 a 1957 e depois de 1960 a 1988. Além de sua atuação como flautista, trabalhou como contra-mestre no batalhão de guardas e na Academia de polícia Militar, ambos em Belo Horizonte.

Atuou como professor de flauta no Conservatório Lorenzo Fernandes em Montes Claros e na Fundação de Educação Artística em Belo Horizonte e como flautista nas rádios inconfidência e Guarani, em Belo Horizonte.

Ingressou como flautista na Orquestra Sinfônica de Minas Gerais em 1977, onde ainda hoje atua profissionalmente.

Sebastião Viana



Sebastião Viana é natural de Visconde de Rio Branco, onde nasceu a 27 de fevereiro de 1916. Aos nove anos de idade, em sua própria cidade natal, foi encaminhado ao maestro Hostílio Soares, de quem recebeu os primeiros ensinamentos musicais.

Em 1933, transferiu residência para Belo Horizonte, onde ingressou na Polícia Militar, como soldado-músico aos dezessete anos de idade. De 1933 a 1937 integrou o corpo de músicos da Sociedade de Concertos Sinfônicos, orquestra na qual

também atuou como maestro.

Ainda em 1933 se matriculou no conservatório Mineiro de Música, onde fez cursos de Professor de Música e de Flauta, laureando-se com distinção. Em consequência e de acordo com os regulamentos da PM, foi feito mestre de música e transferido para o 2º batalhão em Juiz de Fora.

Ainda em Belo Horizonte, substituiu o professor Fausto Assunção no cargo de professor de flauta na Escola de Música da UFMG e foi responsável pela formação de toda uma geração de flautistas.

Em 1944 ingressou no Conservatório Nacional de Canto Orfeônico no Rio de Janeiro, tendo se graduado um ano após com brilhantismo. Nesta mesma cidade, em 1946, foi convidado por Heitor Villa-Lobos para ser seu assistente de regência coral.

Em 1950, atendendo a um convite da Polícia Militar de Minas Gerais, retornou à corporação a fim de organizar uma Orquestra Sinfônica.

Conhecido também por suas composições e arranjos, foi alvo de honrosas críticas em jornais de ampla circulação no país, além de ser muito elogiado por sua atuação como regente, função que exerceu a frente da Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais, e durante dez anos como regente da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte

Atualmente, o Coronel Sebastião Viana, reformado pela polícia militar de Minas Gerais e professor aposentado da escola de música da UFMG, vive em Belo Horizonte onde desenvolve atividade camerística.

CAPÍTULO III

BELO HORIZONTE E O MERCADO DE TRABALHO PARA OS FLAUTISTAS

A origem de Belo Horizonte remonta a 1701, quando o bandeirante João Leite da Silva Ortiz, aqui chegou e fundou a Fazenda do Cercado, que foi ponto de partida para o surgimento do antigo arraial do curral Del Rey, o qual cederia, mais tarde, espaço para a fundação da nova cidade.

Belo Horizonte, a capital, começou a tomar forma entre 1893 e 1894, pelas mãos do engenheiro Arão Reis, chefe da comissão construtora da cidade. Imigrantes de todas as partes e mineiros do interior foram atraídos para as obras da capital, e sendo assim Belo Horizonte recebeu cerca de cinco mil operários estrangeiros: três mil italianos, oitocentos espanhóis, seiscentos portugueses e seiscentos alemães. (Siqueira, 1987, p. 39)

Por fim, em 12 de dezembro de 1897 a cidade de Belo Horizonte, até então conhecida como Curral Del Rey, foi fundada e estabelecida como a capital do estado de Minas Gerais, em substituição a Vila Rica, nossa Ouro Preto de hoje.

Segundo Siqueira (1997), dois anos depois de inaugurada a cidade já contava com 18.000 mil habitantes e uma imensa estrutura urbana, formada por repartições e serviços públicos, pensões e hotéis, estabelecimentos comerciais diversos, fábricas e também uma banda de música. Hoje, Belo Horizonte já soma cento e dez anos de idade e conta com uma população em torno de dois milhões e meio de habitantes, sendo a quarta maior cidade do país.

2.1- A música em Belo Horizonte e o surgimento das orquestras

Segundo Siqueira (1997), a tradição de Belo Horizonte no terreno da música sinfônica, remonta ainda ao início do século, mas precisamente a 1925, com a fundação do Conservatório Mineiro, depois transformado na Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais. (p. 134). No entanto, sabe-se que á época de sua fundação, Belo Horizonte já mantinha uma vida musical e segundo o historiador Abílio Barreto, concertinas de sanfonas no Hotel Floresta já animavam as noites de Belo Horizonte um ano antes da inauguração.

Nos programas das festividades de inauguração da cidade, encontram-se diversas referências a festas animadas por conjuntos oriundos de Ouro Preto. Esses conjuntos, transferidos para Belo Horizonte com a mudança da capital, eram em sua

maior parte integrados por militares, os quais mais tarde vieram a formar uma das primeiras orquestras de cinema de Belo Horizonte.

As orquestras de rádio e de televisão sempre foram de grande importância para a música em Belo Horizonte. Na capital a era do rádio foi inaugurada nos anos 30, e até o início dos anos quarenta, as quatro principais emissoras da cidade: Mineira, Inconfidência (de propriedade do Governo do Estado), Guarani e Itatiaia, já estavam instaladas e funcionando.

A partir da década de 40 até o final dos anos 80, houve um movimento musical muito grande na cidade de Belo Horizonte e foram criados vários tipos de orquestras, tais como: sinfônica, clássica, de cordas, de rádio, de televisão, e vários conjuntos musicais. Segundo Duarte (2001), com essas orquestras vários músicos de grande talento surgiram nas Minas Gerais, e muitos deles foram para outras cidades do Brasil, como Rio de Janeiro, São Paulo Campinas, Porto Alegre, Salvador e Brasília. (p.1)

Como resultado da grande efervescência musical, ocorrida a partir da década de 40, Belo Horizonte possuía em 1948 três orquestras sinfônicas: a Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte, subvenciada pela prefeitura e por isso chamada de Orquestra Municipal; a Orquestra Sinfônica Estadual, subvencionada pelo Estado que funcionava na Rádio Inconfidência, por encontrar ali a infra-estrutura necessária ao seu funcionamento, e a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar. Além disso, a Rádio Inconfidência possuía uma orquestra de salão, uma orquestra denominada melódica e um conjunto denominado regional.

Com o passar dos anos, algumas dessas orquestras foram extintas, outras se aglutinaram em um só conjunto e outras ainda apenas mudaram de nome. Sendo assim, atualmente em Belo Horizonte, funcionam regularmente, em caráter profissional, as seguintes orquestras sinfônicas: a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar do Estado de Minas Gerais e a Orquestra da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais.

2.2- O mercado de trabalho em Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, os músicos têm à sua disposição uma variada gama de oportunidades de trabalho. No entanto, a cada ano, novos flautistas formados nos cursos superiores em música ingressam no mercado de trabalho em Belo Horizonte. Resta-nos saber se os postos de trabalho em música criados a cada ano são suficientes para atender à demanda de profissionais.

No escopo deste trabalho, será privilegiada a análise das orquestras como postos de trabalho; não obstante, apresentaremos a seguir um panorama dos diversos postos de trabalho musical disponíveis na cidade.

2.2.1 - Docência

O mercado de trabalho na área de docência é bem variado em Belo Horizonte. Enquanto intensifica-se o debate nacional pela volta do ensino musical na grade curricular das escolas no Brasil, escolas superiores e de cursos técnicos, conservatórios e cursos livres continuam sendo o espaço por excelência da educação musical.

Diversas escolas particulares e públicas apresentam possibilidade de emprego para os flautistas. Além disso, a maioria dos flautistas habilitados ou não por cursos de educação musical estão envolvidos com o ensino da música, especialmente no que diz respeito às aulas particulares.

Belo Horizonte, no que diz respeito à profissionalização na área de música, conta com duas escolas de nível superior, a saber: a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Ambas apresentam em seu quadro de cursos, o diploma de bacharel e licenciatura em música, além de pós-graduação em diversas áreas musicais.

Além disso, Belo Horizonte também conta com escolas que oferecem cursos básicos e técnicos em música. Entre elas, várias escolas particulares, além de outras instituições que também atuam na cidade e oferecem cursos básicos de música, sendo a FEA (Fundação de Educação Artística), a Fundação Clóvis Salgado e a Escola de Música do SESI-Minas, através de seu centro de formação artística, as mais conhecidas.

2.2.2 - Igrejas

Diversas igrejas da capital abrem seu espaço para aulas de música e muitas têm utilizado a música como meio de evangelização e ação social. Algumas igrejas mantêm em sua estrutura uma escola de música e vários flautistas têm encontrado nas igrejas uma oportunidade para se inserir no mercado de trabalho. Além disso, algumas vezes por ano, algumas dessas igrejas reúnem músicos em uma orquestra que se apresenta durante certas festas do calendário religioso. Assim, apesar de não manterem músicos o ano todo, elas oferecem oportunidade de trabalho para os integrantes dessas orquestras durante a páscoa, o aniversário da igreja ou o natal.

2.2.3 – Cursos de extensão

A expressão cursos de extensão, aqui, define os cursos que a universidade oferece á comunidade em geral.

Atualmente em Belo Horizonte, tanto a UFMG quanto a UEMG, oferecem cursos livres de música. Nesses cursos, vários flautistas atuam como professores e através deles, encontram seu espaço no mercado de trabalho.

2.2.4 - Performance

2.2.4.1 - Orquestras de Belo Horizonte

Desde a fundação de Belo Horizonte, diversas orquestras sinfônicas já estiveram em funcionamento na cidade. Algumas foram extintas, outras se fundiram em uma nova formação e hoje, apenas três ainda permanecem em atividade.

As informações apresentadas aqui a respeito das orquestras pesquisadas foram obtidas através de entrevistas, documentos que constam na bibliografia ao final deste trabalho e pesquisas nas instituições que são ou foram sede das orquestras pesquisadas.

2.2.4.1.1 – Orquestras em funcionamento

a - Orquestra da Polícia Militar

De acordo com informações fornecidas pelo Centro de apoio Administrativo da Academia Polícia Militar de Minas Gerais, a Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais (OSPM) foi criada em 1949. No entanto, o livro “Corpos Artísticos do Palácio das Artes: Trajetórias e movimentos”; aponta 1948 como a data correta da criação da Orquestra da PM. (Mencarelli, Alvarenga, Maletta e Rocha, 2006)

Segundo documento fornecido pela Academia de Polícia Militar, a fundação da orquestra da Polícia Militar fruto da parceria entre o Coronel Egídio Benício de Abreu e do então tenente-coronel, Sebastião Viana. A orquestra alimentada inicialmente por músicos oriundos da Escola de Formação Musical, ainda existente hoje, passou a fornecer músicos para outras orquestras de Belo Horizonte e até mesmo para fora do Estado de Minas Gerais.

Constam como participantes do corpo musical dessa orquestra os seguintes flautistas: Pedro de Castro, Cristiano Lages Duarte, José Carlos da Rocha, Job Lopes da Silva, Otávio de Paula Xavier, Nivaldo Francisco de Souza e Eduardo Henrique Pinheiro.

b - Orquestra Sinfônica de Minas Gerais

A Orquestra Sinfônica de Minas Gerais foi fundada em dois de setembro de 1976 através de uma Lei Estadual, mas sua estréia definitiva deu-se em 16 de Agosto de 1977.

A orquestra sinfônica de Minas Gerais surgiu como um desdobramento de outras duas orquestras. Vejamos:

“A orquestra sinfônica de Belo Horizonte, depois transformada em 1953, em Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos, perdurou todos estes anos até o momento da histórica organização da Orquestra sinfônica de Minas Gerais do Palácio das Artes, em 16 de agosto de 1977, quando foi por esta absorvida, com todos os seus pertences: instrumentos, partituras e músicos.”
(Simão, 1992, p. 45)

A Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, desde sua fundação conta em seu quadro de músicos com os seguintes flautistas: Pedro de Castro Ribeiro, Bettine Clement, Juvenal Dias da Silva, Carlo Bosticco, Expedito Vianna, Arthur Andres Ribeiro, Maurício Freire Garcia, Pamela Kay Schmitzer, Fernando Pacífico Homem e Alexandre Braga Rezende.

Durante o período de conclusão deste trabalho, a Orquestra Sinfônica de Minas Gerais passava por um período de profundas mudanças em sua estrutura organizacional e encontrava-se em aberto concurso para reformulação de seu quadro de músicos.

c - Orquestra da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais

A Orquestra da Escola de Música da UFMG foi fundada em 1968, durante a gestão da Professora Yolanda Lodi. Até então, apesar da disciplina prática de orquestra ter sido introduzida no currículo desde 1962, os alunos não tinham acesso a uma orquestra na escola e realizavam uma reduzida prática de orquestra com o auxílio da Orquestra da Rádio Inconfidência.

Desde sua criação, a orquestra vem participando de apresentações, programações e eventos, tanto em Belo Horizonte, como no interior do Estado. Atualmente a Orquestra da Escola de Música atua mais no âmbito da Universidade e tem por finalidade propiciar um laboratório para os alunos das classes dos professores de Regência, de composição, de Canto e Instrumentação e Orquestração.

A orquestra da Escola de Música da UFMG é composta por 13 músicos profissionais concursados e de nível superior, e por alunos das diversas classes de instrumentos, compondo-se assim, de mais ou menos 35 componentes.

Já atuaram como flautistas concursados da orquestra da Escola, os músicos Juvenal Dias da Silva, Antônio Carlos Guimarães e Cristiano Lages Duarte, este último ainda em atividade na orquestra.

2.2.4.1.2– Orquestras extintas

a - Orquestra da Universidade Federal de Minas Gerais

Segundo Duarte (2001), o conservatório mineiro de Música passou a integrar à Universidade Federal de Minas Gerais, através da Lei 4159 de 30 de novembro de 1962. Mais tarde, em 1965, a UFMG pressionada para a criação de uma orquestra para dar suporte aos cursos de música, criou uma orquestra de câmara, transformada tempos depois, em orquestra sinfônica da UFMG. (p. 44)

Em virtude de problemas administrativos e financeiros a Universidade procurou os governos do Estado e do Município na tentativa de firmar uma parceria que mantivesse a Orquestra Sinfônica da Universidade Federal de Minas Gerais em atividade. Em virtude de não ter sido apoiada em seu propósito, a Universidade achou por bem encerrar as atividades da orquestra em outubro de 1974, por não se ver na obrigação de manter uma orquestra sinfônica para o estado e o município. (Duarte, p. 44, 2001)

Fizeram parte dessa orquestra os flautistas Juvenal Dias da Silva, Expedito Viana e Cristiano Lages Duarte.

b - Orquestra de Concertos Sinfônicos

A Orquestra de Concertos Sinfônicos surgiu no correr do ano de 1922. Carlos Achermann, músico alemão, lançou a idéia de criação de “uma orquestra em que pudessem ser aproveitados todos os elementos de valor que, então, estavam surgindo na cidade.”

A orquestra de concertos sinfônicos teve como regentes os maestros Achermann e Flores, mas por volta de 1925 já estava inativa.

Nesta orquestra atuaram os flautistas Juvenal Dias da Silva e Otávio de Paula Xavier.

c - Orquestra Sinfônica de Belo Horizonte

A Orquestra Sinfônica de Belo Horizonte, idealizada pelo maestro Francisco Nunes por volta de 1925, surgiu em decorrência da inatividade da orquestra de concertos sinfônicos. O maestro Francisco Nunes pretendia criar uma orquestra com auxílio dos professores do Conservatório Mineiro de Música, a qual foi oficializada a 2 de janeiro de 1944, por meio de um decreto do prefeito Juscelino Kubitscheck.

De acordo com SIMÃO (1992), a orquestra sinfônica de Belo Horizonte, foi transformada em 1953, em Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos, sendo por fim, absorvida, com todos os seus pertences: instrumentos, partituras e músicos pela Orquestra Sinfônica de Minas Gerais do Palácio das Artes, em 16 de agosto de 1977. (p. 45)

Atuaram nesta orquestra os flautistas Fausto Assunção, Juvenal Dias da Silva, Otávio de Paula Xavier, Expedito Vianna e Cristiano Lages Duarte.

d – Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos

A Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte foi fundada em uma assembléia geral no dia 27 de junho de 1925 e de acordo com Brant (1950), Francisco Nunes foi o fundador da instituição, cabendo aos maestros Francisco Flores e Carlos Achermann a honra de terem sido seus dignos precursores. (p.11)

Essa orquestra era formada por músicos da antiga orquestra do músico alemão Carlos Achermann, além de professores do Conservatório e outros instrumentistas e

sua estréia ocorreu durante as comemorações do 1º aniversário do Governo Melo Viana a 21 de dezembro de 1925, no velho Teatro municipal á Rua Goiás. (Duarte, 2001)

Apesar de ter sido declarada de utilidade pública, através do decreto 3274, de 31 de março de 1950, pelo governador Dr. Milton Campos, a Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte entrou em decadência e, por fim, deu lugar à sinfônica Municipal. Sendo assim, a Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos de Belo Horizonte transformada em 1953 em orquestra da Sociedade Mineira de Concertos Sinfônicos, perdurou desde 1925 até o momento da organização da Orquestra Sinfônica de Minas Gerais 1977. (Duarte, 2001).

Atuaram como flautistas da Orquestra da Sociedade de Concertos Sinfônicos os flautistas Juvenal Dias da Silva, Sebastião Viana, Otávio de Paula Xavier e Cristiano Lages Duarte

e - Orquestras de cinema e rádio

No tempo do rádio "ao vivo", a Radio Guarani e a Rádio Inconfidência mantinham orquestras que acompanhavam os artistas nos programas de auditório e apresentavam programas de música erudita. As rádios mantinham maestros que dirigiam as orquestras e os conjuntos e faziam os arranjos e as orquestrações. Na maioria das apresentações, o repertório era conhecido na hora e os músicos precisavam dominar bem a técnica de seu instrumento. Em todos os recortes de jornais referentes a essa época, Juvenal Dias da Silva foi o único flautista, que teve o nome citado.

Duarte (2001) afirma que a rádio inconfidência mantinha uma orquestra de salão que era constituída de "violinos, violas, cellos, contrabaixos, 1 flauta, 1 oboé, 2 clarinetes, 1 fagote, duas trompas, 1 trompete, 1 trombone, percussão (inclusive 1 par de tímpanos) e piano. Essa orquestra executava música de salão e áreas de óperas, além de acompanhar os convidados da rádio. p. 52.

Por sua vez, o maestro Hely Drumond que fez parte do elenco da rádio Inconfidência de 1954 até 1971 afirma que em sua época, a rádio mantinha duas orquestras; uma erudita e outra de cunho popular. Segundo ele, a orquestra "popular" apresentava programas diários, com participações de artistas nacionais que às vezes chegavam do Rio e São Paulo diretamente para o ensaio às 19 horas e apresentação ao vivo às 20 horas. Sendo assim, ele acredita que este tipo de

orquestra deu muita "vivência" aos músicos, porque tinham de ensaiar e tocar logo em seguida, pois não havia tempo para levar partituras para casa e colocar dedilhados, no caso das cordas.

Durante as comemorações do 23º aniversário da rádio Inconfidência foi apresentado um relatório acerca dos grupos existentes na rádio. De acordo com esse relatório, a rádio possuía uma orquestra sinfônica, uma orquestra de salão, uma orquestra de dança e uma orquestra melódica; além de manter em suas fileiras os seguintes maestros: Mario Pastore, José Felipe de Carvalho Torres, José Ferreira da Silva, Hely Ferreira Drumond, Moacir Portes e Djalma Pimenta.”(Duarte, p. 39, 2001)

O cinema, além de ser palco para os mais diversos espetáculos, até 1930 apresentava fitas de cinema mudo que eram acompanhadas pelas orquestras de cinema. Além disso, os músicos também se apresentavam nos salões de entrada das salas de projeção.

Segundo depoimento do maestro e flautista Sebastião Viana, as orquestras de cinema de Belo Horizonte, representavam um expressivo mercado de trabalho para os músicos de Belo Horizonte. Devido à frequência das apresentações, o músico chegava a tocar cinco vezes em um mesmo dia. Para muitos dos músicos, o fim dessa era das orquestras no cinema, nos anos 30, constituiu-se verdadeira crise profissional.

Em nossas pesquisas encontramos registros da participação dos seguintes flautistas nas orquestras das rádios de Belo Horizonte: Juvenal Dias da Silva e Otávio de Paula Xavier.

2.2.4.2 - Outros postos de trabalho em performance

No campo da performance, além do trabalho em orquestras sinfônicas de Belo Horizonte, os flautistas têm à sua disposição, uma variada gama de atividades. A possibilidade de trabalhar como temporário nas orquestras é praticamente inexistente. Atualmente as orquestras sinfônicas de Belo Horizonte, têm seu quadro de músicos preenchido e não necessitam lançar mão de elementos externos. Mas, em outras épocas, alguns flautistas tiveram a oportunidade de participarem como contratados em alguns concertos.

Apenas uma orquestra de câmara atua hoje na capital de Minas: A Orquestra de câmara do SESIMINAS, sediada no teatro Nanssem Araújo. Até pouco tempo

estava em funcionamento em Belo Horizonte a Orquestra de Câmara do Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI-BH), anteriormente conhecido como FAFI-BH. Em ambas as orquestras, porém, não há e não ouve a não ser em raras ocasiões, a participação de instrumentos de sopros.

Belo Horizonte conta com um grande número de Estúdios de Gravação. Entretanto o mercado fonográfico não é muito promissor para os flautistas. Com o advento da tecnologia, produtores e patrocinadores têm optado, cada vez mais, por substituir o instrumentista pelos sintetizadores.

As bandas de música fazem parte da tradição musical mineira. Em quase todos os municípios de Minas é possível encontrar uma banda de música ou mesmo uma retreta. No entanto, não há registros de qualquer iniciativa privada que mantenha uma banda de música profissional. Nesse contexto, os flautistas de Belo Horizonte têm contado apenas com as bandas militares que têm sido mantidas pela Polícia Militar, pela Aeronáutica e pelo Exército, já há longo tempo, as únicas entidades a preservar e estimular essa formação musical em nível profissional.

Belo Horizonte é designada por muitos como a capital dos bares e o é mesmo, considerando o grande número de bares e restaurantes existentes na cidade. Em muitos desses bares, os músicos têm tido a oportunidade de desenvolverem vasta atividade profissional. Salvo a dupla voz e violão, que é de longe o mais encontrado grupo nos bares e restaurantes, a flauta integra a maior parte das formações musicais.

Ainda como opção para os flautistas de Belo Horizonte, citamos o campo de produção musical, que atrelado às leis de incentivo à cultura permite que os músicos se envolvam diretamente na produção de eventos musicais. Nesse setor, os flautistas que se interessam na área se vêem diante do desafio de buscarem patrocínio de entidades públicas e particulares, além de desempenharem variados papéis, acumulando funções das áreas de concepção, produção e execução do projeto musical apresentado à entidade financiadora.

Uma última área do mercado profissional em música em Belo Horizonte é o que denominamos aqui como “música cerimonial”. Um grande número de flautistas está envolvido atualmente com performances em casamentos, formaturas e outras cerimônias religiosas. Nesse campo de trabalho, os flautistas prestam serviços musicais durante cerimônias diversas. Alguns deles trabalham por conta própria, ficando responsáveis pelos contatos com o empregador, pelo transporte e

manutenção do equipamento de som, partituras e estantes. Outros preferem fazer parte de um grupo fixo de determinada igreja ou ainda preferem integrar-se em grupo já estabelecido no mercado no qual apenas executam as músicas e não tem sob sua responsabilidade nenhuma das obrigações mencionadas acima.

CAPÍTULO IV

OS FLAUTISTAS DE ORQUESTRA DE BELO HORIZONTE – PERFIL COMPARADO

Durante essa pesquisa foram encontradas referências documentais e orais que atestam a atuação de dezoito flautistas nas orquestras de Belo Horizonte, as extintas e as que ainda estão em funcionamentos.

Entre os dezoito flautistas listados nesta pesquisa, é interessante notar a ocorrência de apenas duas mulheres atuando em orquestras de Belo Horizonte.

Em relação ao local de nascimento, os dados encontrados apontam que apenas dois flautistas que já atuaram em orquestras da capital mineira nasceram em Belo Horizonte. Três flautistas nasceram fora do Brasil, dois são naturais de outro estado do Brasil e o restante dos flautistas é oriundo do interior mineiro.

1. Dados pessoais

QUADRO 1: DADOS PESSOAIS

FLAUTISTAS	SEXO	NATURAL DE
1	M	Belo Horizonte
2	M	Outro estado do Brasil
3	M	Minas Gerais - interior
4	F	Exterior
5	M	Minas Gerais - interior
6	M	Belo Horizonte
7	M	Minas Gerias - interior
8	M	Outro estado do Brasil
9	M	Minas Gerais – interior
10	M	Minas Gerais - interior
11	M	Minas Gerais - interior
12	M	Minas Gerais - interior
13	M	Minas Gerais - interior
14	M	Pesquisa em andamento
15	F	Exterior
16	M	Exterior
17	M	Minas Gerais - interior
18	M	Dado não disponível

Doze dos dezoito flautistas que foram objeto dessa pesquisa responderam a um questionário com perguntas a respeito de sua formação musical e atuação profissional; além de questões relacionadas às orquestras nas quais atuaram.

Entre os flautistas que não responderam às perguntas, dois são falecidos, dois se encontram fora do país, um não respondeu às tentativas de contato e um se recusou a participar da pesquisa.

A seguir estão dispostos em quadros os dados obtidos através da aplicação do questionário.

2. Formação Musical

QUADRO 2: DADOS MUSICAIS

FLAUTISTAS	CONTATO INICIAL COM A MÚSICA	FORMAÇÃO MUSICAL	PARTICIPAÇÃO EM FESTIVAIS DE MÚSICA
1	Adolescência	Pós- Graduação em música	SIM
2	Adolescência	Graduação em música	SIM
3	Adolescência	Graduação em música	NÃO
4	Infância	Pós- Graduação em música	SIM
5	Infância	Graduação em música	SIM
6	Adolescência	Pós- Graduação em música	SIM
7	Infância	Graduação em música	SIM
8	Adolescência	Pós- Graduação em música	SIM
9	Adolescência	Pós- Graduação em música	SIM
10	Infância	Pós- Graduação em música	SIM
11	Infância	Pós- Graduação em música	SIM
12	Infância	Graduação em música	SIM

Quanto á iniciação musical, seis dos doze flautistas entrevistados tiveram seu primeiro contato com a música na adolescência, ao contrário de seis que começaram a estudar música ainda na infância.

Em relação à formação musical, a pesquisa apontou que todos os flautistas entrevistados concluíram o curso superior em música e sete destes investiram em um curso de pós-graduação.

Ainda em relação á formação musical, apenas um flautista declarou não ter participado de festivais de música enquanto estudante.

3. Atuação profissional

Em relação á atuação profissional, apenas três flautistas declararam exercer outra profissão além da música. No entanto, todos admitiram exercer outra atividade musical enquanto estiveram vinculados à orquestra, especialmente a docência, citada por todos os entrevistados.

QUADRO 3: ATUAÇÃO PROFISSIONAL

FLAUTISTAS	ÁREAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL ALÉM DA ORQUESTRA	OUTRA PROFISSÃO ALÉM DA MÚSICA
1	Docência; Gravações; Música popular	NÃO
2	Docência; Cerimônias religiosas Casamentos; Recepções e festas Música de câmara; Gravações Banda de música; Musica popular Grupo de choro; Banda de show Instrumentação e arranjo	NÃO
3	Docência; Música de câmara Rádio; Gravações Banda de música Musica popular; Grupo de choro	NÃO
4	Docência; Casamentos Música de câmara; Banda de música	SIM
5	Docência; Música de câmara	NÃO
6	Docência; Casamentos Gravações; Música de câmara Banda de música; Instrumentação e arranjo	NÃO
7	Docência	NÃO
8	Docência; Cerimônias religiosas Casamentos; Recepções Música de câmara; Gravações	NÃO
9	Em andamento	NÃO
10	Docência; Música de câmara; Gravações	NÃO
11	Docência; Cerimônias; Casamentos; Recepções Banda de música; Música popular; Banda de show Venda de instrumentos musicais	SIM
12	Docência; Casamentos; Rádio Música de câmara; Recepções	SIM

Além da docência, outras atividades profissionais foram citadas pelos entrevistados e dentre essas atividades devemos ressaltar a apresentação em

casamentos e cerimônias religiosas, além da atuação em grupos de câmara como as atividades mais citadas nas respostas.

4. FLAUTISTAS E ORQUESTRAS

Apesar de sua atuação profissional em orquestras, nem todos tiveram um contato privilegiado com repertório orquestral em sua formação. Três dos flautistas que responderam a pesquisa declararam não ter tido nenhum contato com repertório orquestral durante seu período de formação musical, enquanto que apenas um dos entrevistados afirmou que o contato com repertório orquestral durante o mesmo período foi muito valorizado.

Dos doze flautistas entrevistados, apenas nove afirmaram ter tido acesso a estágio em orquestra durante o curso e nove participaram de orquestra jovem enquanto estudantes.

QUADRO 4: PRESENÇA DE ORQUESTRA NA FORMAÇÃO DO FLAUTISTA

FLAUTISTAS	EXISTÊNCIA DE ESTUDO ORQUESTRAL EM SUA FORMAÇÃO	ESTÁGIO EM ORQUESTRA DURANTE O CURSO	PARTICIPAÇÃO EM ORQUESTRA JOVEM
1	Reduzido	Sim	Sim
2	Inexistente	Não	Não
3	Inexistente	Não	não
4	Muito valorizado	Não	Sim
5	Valorizado	Sim	Sim
6	Valorizado	Sim	Sim
7	Inexistente	Sim	Sim
8	Reduzido	Sim	Sim
9	Pesquisa em andamento	Sim	sim
10	Valorizado	Sim	Sim
11	valorizado	Sim	sim
12	valorizado	Sim	Não

Apesar de nem todos terem tido acesso privilegiado a repertório orquestral e prática de orquestra durante sua formação, dez dos flautistas entrevistados ingressaram na orquestra através de concurso público, no qual constava prova prática de flauta. Apenas um dos flautistas declarou ter ingressado na orquestra através de um convite da instituição.

A respeito do naipe de flautas nas orquestras nas quais atuaram, sete dos flautistas afirmaram existir quatro cadeiras de flautas e três declararam possuir apenas dois flautistas em sua orquestra.

QUADRO 5: INFORMAÇÕES SOBRE A ORQUESTRA DE ATUAÇÃO

FLAUTISTAS	IDADE DE INGRESSO	FORMA DE INGRESSO	NÚMERO DE FLAUTISTAS
1	20 a 30 anos	Concurso público Prova prática de flauta	4
2	Menos de 20 anos	Concurso público Prova prática de flauta Prova de conhecimentos gerais e conhecimentos musicais	2
3	Menos de 20	Concurso público Prova prática de flauta	2
4	20 a 30 anos	Concurso público Prova prática de flauta	4
5	30 a 40 anos	Concurso público Prova prática de flauta	4
6	20 a 30 anos	Concurso público	4
7	Não declarado	Convite	Não declarado
8	30 a 40 anos	Concurso público Prova prática de flauta	4
9	Pesquisa em andamento	Pesquisa em andamento	Pesquisa em andamento
10	20 a 30 anos	Convite; Concurso público; Prova prática de flauta	Não declarado
11	Menos de 20	Concurso público	2
12	30 a 40 anos	Concurso público	4

Ainda em relação às orquestras, o repertório erudito figura entre todos os repertórios executados pelos flautistas nas orquestras, seguido pela música brasileira, citada por sete dos entrevistados que responderam a essa sessão de perguntas.

Quanto à regularidade das apresentações, um dos entrevistados declarou que a sua orquestra apresentava-se quinzenalmente, quatro dos entrevistados afirmaram que sua orquestra se apresenta semanalmente, e os outros quatro declararam que sua orquestra mantinha uma regularidade mensal de apresentações.

O repertório das apresentações sofre mudanças mensais de acordo com dois dos entrevistados; semestrais, na orquestra de dois dos flautistas entrevistados e ainda mudanças semanais na orquestra de quatro dos entrevistados.

Apenas dois flautistas afirmaram que a orquestra em que atua, realiza mudanças quinzenais de repertório.

QUADRO 6: ACERCA DAS APRESENTAÇÕES E REPERTÓRIO

FLAUTISTAS	REGULARIDADE DAS APRESENTAÇÕES	PERIODICIDADE DO PROGRAMA DE CONCERTO	TIPO DE REPERTÓRIO
1	Não declarado	Não declarado	Não declarado
2	Mensais	Semestrais	Erudito; Militar sacro-religioso Popular Música brasileira
3	Mensais	Mensais	Erudito Música brasileira
4	Semanais	Semanais	Erudito Música brasileira
5	Semanais	Semanais	Erudito Sacro-religioso Música brasileira
6	Semanais	Semanais ou quinzenais	erudito
7	Não declarado	Não declarado	Não declarado
8	Mensais	Mensais	Erudito Música brasileira
9	Pesquisa em andamento	Pesquisa em andamento	Pesquisa em andamento
10	Não declarado	Não declarado	Não declarado
11	Mensais	Semestrais	Erudito; Militar sacro-religioso Popular Música brasileira
12	Semanais ou Quinzenais	Semanais ou Quinzenais	Erudito, popular; música brasileira

Como já vimos anteriormente, apenas três dos músicos entrevistados afirmaram exercer outra profissão, que não a música, enquanto integraram o quadro de músicos das orquestras. No entanto, todos os entrevistados afirmaram que exercem outras atividades profissionais na área da música. Este dado nos sugere que a maioria dos músicos sente necessidade de complementar o orçamento através de outras atividades musicais.

De acordo com a pesquisa, a maioria dos flautistas entrevistados declarou não estar satisfeito com o padrão de remuneração das orquestras. Apenas três dos flautistas que responderam á essa parte do questionário se declararam satisfeitos com a remuneração e quatro flautistas consideraram a remuneração muito defasada.

QUADRO 7: REMUNERAÇÃO DOS FLAUTISTAS NAS ORQUESTRAS

FLAUTISTAS	TIPO DE REMUNERAÇÃO	QUALIDADE DA REMUNERAÇÃO	COMPARAÇÃO COM O PADRÃO NACIONAL	COMPARAÇÃO COM O PADRÃO INTERNACIONAL
1	Não declarado	Não declarado	Não declarado	Não declarado
2	Salário fixo	Satisfatória	Insatisfatória	Insatisfatória
3	Salário fixo	Muito defasada	Insatisfatória	Insatisfatória
4	Salário fixo + vantagens	Muito defasada	Muito defasada	Muito defasada
5	Salário fixo + vantagens	Muito defasada	Muito defasada	Muito defasada
6	Salário fixo	Satisfatória	insatisfatória	insatisfatória
7	Não declarado	Não declarado	Não declarado	Não declarado
8	Salário fixo + vantagens	Muito defasada	Muito defasada	Muito defasada
9	Pesquisa em andamento	Pesquisa em andamento	Pesquisa em andamento	Pesquisa em andamento
10	Não declarado	Não declarado	Não declarado	Pesquisa em andamento
11	Salário fixo	Satisfatória	Satisfatória	Satisfatória
12	Salário fixo + vantagens	Insatisfatória	Muito defasada	Muito defasada

Em comparação ao padrão nacional apenas um flautista considerou a remuneração satisfatória. Enquanto três optaram por defini-la como insatisfatória, quatro flautistas a consideraram muito defasada.

Em relação ao padrão internacional nenhum dos flautistas considerou a remuneração como excelente ou satisfatória. Quatro dos flautistas a classificaram como muito defasada e quatro afirmaram que a consideraram insatisfatória.

Por fim, em relação à remuneração, em nenhum momento e em nenhum aspecto, os flautistas a consideraram como excelente.

5. OPINIÃO DOS FLAUTISTAS ENTREVISTADOS ACERCA DO MERCADO DE TRABALHO EM MÚSICA EM BELO HORIZONTE

A respeito do mercado de trabalho em Belo Horizonte, nove dos flautistas que responderam ao questionário definiram o mercado como reduzido, um não declarou sua opinião e apenas um considera que o mercado está em crescimento.

QUADRO 8: OPINIÃO DOS FLAUTISTAS ACERCA DO MERCADO DE TRABALHO EM BELO HORIZONTE

FLAUTISTAS	
1	Reduzido
2	Reduzido
3	Reduzido
4	Reduzido
5	Reduzido
6	Em crescimento
7	Não declarado
8	Reduzido
9	Pesquisa em andamento
10	Reduzido
11	Reduzido
12	Reduzido

Dentro do escopo deste trabalho, as orquestras estão sendo analisadas como postos de trabalho e para tanto, no próximo capítulo serão analisados dados relativos ao número de habitantes, de flautistas e de orquestras existentes em determinadas capitais do país.

Os dados a respeito dos flautistas e orquestras de Belo Horizonte serão comparados com dados de outras cidades do Brasil e analisados com base nas respostas do flautistas entrevistados.

CAPÍTULO V

ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE O MERCADO DE TRABALHO PARA FLAUTISTAS DE ORQUESTRAS EM BELO HORIZONTE E OUTRAS CAPITAIS BRASILEIRAS

Neste capítulo o mercado de trabalho de Belo Horizonte será comparado com o mercado de trabalho em capitais do Brasil com número de habitantes equivalente a Belo Horizonte.

O número de orquestras das cidades e o número de flautistas inscritos na Ordem dos Músicos serão os aspectos considerados na comparação.

Os dados apresentados neste capítulo foram obtidos através de contatos telefônicos com as sedes da Ordem dos Músicos do Brasil nas diversas capitais pesquisadas e com as instituições-sede das orquestras pesquisadas. Além disso, alguns dados foram obtidos por meio de endereços eletrônicos disponibilizados na internet.

5.1 – Número de Orquestras Sinfônicas

Os dados dispostos no quadro 9 dizem respeito às orquestras existentes em cada capital brasileira pesquisada, bem como o número de flautistas que atualmente integram o quadro de músicos dessas orquestras.

Segundo a pesquisa, Belo Horizonte, apesar de ter um número menor de habitantes possui três orquestras sinfônicas, ultrapassando Salvador que possui apenas duas orquestras sinfônicas e igual número de vagas nessas orquestras.

As outras capitais pesquisadas, com número de habitantes um pouco menor que Belo Horizonte, possuem apenas uma orquestra, com destaque para Brasília que conta com cinco postos para flauta, conforme informado no site da orquestra sinfônica do Teatro Nacional. Mesmo, assim, os cinco postos não são capazes de superar os sete postos de flauta disponíveis para flauta nas orquestras em Belo Horizonte.

É interessante ressaltar a importância da Orquestra da Polícia Militar ativa como posto de trabalho em Belo Horizonte há 58 anos. De acordo com a nossa pesquisa, nas outras capitais, apesar da atuação confirmada da corporação, não houve implantação de orquestra sinfônica e nelas as bandas de música prevalecem.

QUADRO 9: ORQUESTRAS SINFÔNICAS DAS CAPITAIS DO BRASIL

CIDADE	População	Nº de orquestras	Nº de flautistas Orquestra A	Nº de flautistas Orquestra B	Nº de flautistas Orquestra C
BH	2.399.920	3	Orquestra Sinfônica de Minas Gerais 3 flautas, 1 flautim	Orquestra da EM-UFMG 2 flautas	Orquestra Sinfônica da Polícia Militar de Minas Gerais 2 flautas
SALVADOR	2.714.018	2	Orquestra Sinfônica da Bahia 3 flautas e 1 flautim	Orquestra sinfônica da UFBA 2 flautas	Inexistente
BRASÍLIA	1.821.946	1	Orquestra Sinfônica do Teatro Nacional 5 flautas	Inexistente	Inexistente
CURITIBA	1.788.559	1	Orquestra Sinfônica do Paraná 1 flauta e 1 piccolo	Inexistente	Inexistente
RECIFE	1.515.052	1	Orquestra Sinfônica do Recife 4 flautas e 1 flautim	Inexistente	Inexistente
PORTO ALEGRE	1.440.939	1	Orquestra Sinfônica de Porto Alegre 3 flautas e 1 flautim	Inexistente	Inexistente

Não obstante, esta pesquisa ter privilegiado apenas o número de orquestras existentes, entendemos que outros aspectos também poderiam ser considerados a fim de analisar e comparar o mercado de trabalho em orquestras nas capitais relacionadas, mas os mesmos não faziam parte do escopo deste trabalho.

Durante a entrevista com os flautistas, os entrevistados afirmaram que consideram reduzido o mercado de trabalho em Belo Horizonte. No entanto, no que diz respeito às orquestras sinfônicas, foi possível verificar que o mercado de trabalho na capital de Minas Gerais vem se mantendo estável ao longo dos anos na cidade.

Além disso, em relação à média nacional, Belo Horizonte com suas sete vagas de flauta das orquestras supera em número de postos de flauta oferecidos pelas

orquestras atualmente em funcionamento, as outras capitais brasileiras pesquisadas.

5.2 – Número de flautistas inscritos na Ordem dos Músicos do Brasil

No escopo deste trabalho foram privilegiados os flautistas que atuam como profissionais nas orquestras de Belo Horizonte. Portanto, para fins de comparação foram considerados dados referentes aos flautistas filiados a Ordem dos Músicos do Brasil, que hoje, em Belo Horizonte, correspondem a 434 flautistas inscritos. A escolha pelos flautistas inscritos na ordem deveu-se ao fato de entendermos que em qualquer profissão, falar de profissionalismo implica em estar registrado no órgão profissional que regulamenta e fiscaliza o exercício da profissão.

A Ordem dos Músicos do Brasil foi concebida para organizar profissionalmente a classe e fiscalizar a profissão do músico em todo o território nacional, tendo ainda a finalidade de dar dignidade e reconhecimento legal ao músico brasileiro.

A despeito de toda a discussão ente a classe musical acerca da legitimidade das ações exercidas pela OMB; em Minas Gerais a Ordem dos Músicos do Brasil representa atualmente cerca de 18 mil músicos e assim como nos demais conselhos regionais, todo filiado paga uma anuidade, que é aplicada na manutenção da Instituição e no cumprimento do exercício de seu dever como órgão de defesa do músico em atividade.

QUADRO 10: MÚSICOS INSCRITOS NA ORDEM DOS MÚSICOS DO BRASIL

CIDADE	POPULAÇÃO 2006	Nº DE MÚSICOS INSCRITOS NA ORDEM NO ESTADO	Nº DE MÚSICOS INSCRITOS NA CAPITAL DO ESTADO	Nº DE FLAUTISTAS INSCRITOS Na capital
Belo Horizonte	2.399.920	18.000 MIL	Dado não disponível	434 FLAUTISTAS
Curitiba	1.788.559	16.000 MIL	Dado não disponível	Dado não disponível
Porto Alegre	1.440.939	Dado não disponível	5483	52 flautistas
Salvador	2.714.018	Dado não disponível	Dado não disponível	Dado não disponível
Recife	1.515.052	Dado não disponível	Dado não disponível	Dado não disponível
Brasília	1.821.946	Dado não disponível	Dado não disponível	Dado não disponível

O quadro 10 tem por objetivo estabelecer uma comparação entre as capitais do país de número de habitantes equivalente a Belo Horizonte, no que diz respeito ao número de flautistas registrados na Ordem dos Músicos do Brasil. Para tanto, foram contactados os conselhos regionais de Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Recife, Brasília, a fim de verificar o número geral de músicos inscritos e entre esses os flautistas registrados.

No decorrer dessa pesquisa não foi possível determinar o número de flautistas inscritos na ordem dos músicos em todas as capitais do país pesquisadas. Infelizmente, os conselhos regionais não dispõem de dados organizados em categorias de instrumentos. Os músicos são listados pelo nome e não por instrumento musical. Diversas variáveis poderiam ser utilizadas para catalogar os músicos; tais como; instrumento, formação, cidade de origem, estilo musical, sexo, etc..

Além disso, outros problemas foram apontados pelos conselhos regionais pesquisados. Um deles diz respeito á impossibilidade de apontar com clareza quantos dos flautistas atualmente registrados na Ordem dos Músicos ainda estão vivos, quantos ainda atuam no mercado ou até mesmo quantos ainda residem na capital onde estão inscritos. Um dos conselhos admitiu textualmente que os números repassados podem não corresponder á realidade, tendo em vista que alguns flautistas, após terem sido registrados como flautistas, podem ter migrado para outro instrumento e vice-versa.

Sem dúvida alguma, esperava-se que, o órgão representativo da classe musical e, ninguém mais pudesse fornecer informações mais profundas acerca dos seus membros. No entanto, ficou provado que não há registros idôneos que documentem a existência e atuação dos flautistas nem dos músicos de outras categorias. A nosso ver, essa realidade reflete uma mentalidade que parece privilegiar números e não outros aspectos e demonstra que ainda hoje, a falta de documentos acerca dos músicos é uma realidade. Conforme já analisamos, o descaso com a memória desses e seus dados tende a se perpetuar e provocar lacunas muitas vezes irreparáveis na área do conhecimento memorial.

CONCLUSÃO

Durante esta pesquisa, ficou clara a deficiência existente na área de produção e preservação de dados históricos acerca dos músicos de Belo Horizonte. Um das questões que nos levaram a essa conclusão é o fato de que poucas instituições conservaram documentos referentes às orquestras e aos músicos integrantes das mesmas, ou se o fizeram, não os organizaram e nem destinaram a eles o tratamento cuidadoso que documentos históricos exigem.

Outro fator verificado nessa pesquisa foi a prática ainda atual em alguns seguimentos artísticos de omitir os nomes dos músicos participantes dos programas de concertos das orquestras. Durante o trabalho pudemos verificar que os jornais e revistas antigos não tinham o hábito de registrar o nome dos músicos participantes das orquestras. Em virtude disso, na maioria dos casos, não foi possível definir quem foram os flautistas participantes das orquestras a partir desses documentos. E principalmente em relação às orquestras já extintas, as informações encontradas foram fruto das reminiscências pessoais dos músicos ainda vivos, ou de pessoas ligadas á eles.

Ainda em relação á falta de registros, ressaltamos que durante a pesquisa na Ordem dos Músicos do Brasil, os conselhos regionais não souberam definir o número de músicos inscritos na capital de seus estados e nem tão pouco o número de flautistas. Essa lacuna de informações impediu que essa pesquisa fosse realizada a contento e que alcançasse o objetivo de comparar o mercado de trabalho para os flautistas em Belo Horizonte e outras capitais do Brasil, tendo como base o número de flautistas. Mais uma vez concluímos que não houve nessas instituições uma criteriosa preocupação em organizar os dados dos músicos e produzir assim documentos históricos importantes.

Ainda em relação à busca de dados, esbarramos na dificuldade de encontrar dados referentes aos flautistas formados nas Escolas de nível Superior de Belo Horizonte. Esses dados nos serviriam como mais um parâmetro de análise do mercado de trabalho musical de Belo Horizonte.

Infelizmente as escolas não mantêm documentos com esses dados; pois de acordo com informações das escolas pesquisadas, os alunos não são classificados pelo instrumento de sua formação e sim pelo ano de sua conclusão de curso. Fomos

orientados pela secretaria de uma das escolas a garimpar na Ata de colação de Grau a fim de possivelmente, encontrarmos referências aos músicos com seus instrumentos de formação. No entanto, até a conclusão desse trabalho não foi possível realizar essa pesquisa, pois os servidores da referida escola entraram em greve e a Ata de colação de grau não pode ser disponibilizada para consulta.

Em busca de dados acerca dos flautistas lamentamos que alguns dos músicos que deveriam ser objeto dessa pesquisa tenham se recusado a responder às nossas perguntas ou não responderam aos nossos contatos. Esse fato só nos faz crer que cada vez mais há uma necessidade de “educação memorial” que conscientize a todos acerca da importância da produção e preservação de documentos. É admirável que os próprios músicos não se preocupem em produzir documentos que perpetuem a sua memória e a memória de instituições musicais significativas e históricas de Belo Horizonte.

Como vimos, a importância dessa preservação parte do conhecimento do passado, passa pela conscientização acerca de nossa história e chega até ao planejamento de ações futuras. No entanto, em face das dificuldades encontradas nessa área, algumas lacunas mencionadas inicialmente no objetivo proposto não foram preenchidas e alguns dos objetivos propostos não foram completados ao término deste trabalho.

Em relação às orquestras sinfônicas, verificou-se que Belo Horizonte não deixa nada a desejar em termos numéricos às outras capitais comparadas, no que diz respeito às orquestras existentes. Como vimos, o número de orquestras em Belo Horizonte supera aquele encontrado em todas as outras capitais do Brasil pesquisadas.

Também em termos de comparação, verificamos o número de orquestras existentes em Belo Horizonte. Durante os mais de cem anos de existência da capital mineira; a cidade sempre contou com o funcionamento simultâneo de três orquestras em Belo Horizonte. Sendo assim, concluímos que o mercado de trabalho para flautistas de orquestras em Belo Horizonte tem permanecido estável, ou seja, o mercado de trabalho não diminuiu nem aumentou.

Como vimos anteriormente a maioria dos flautistas entrevistados afirmou que o mercado de trabalho em Belo Horizonte é reduzido. No entanto, como foi possível averiguar; no que diz respeito às orquestras, o mercado de trabalho em Belo Horizonte equipara-se e até supera o mercado musical nacional. Presumimos,

portanto que essa opinião dos flautistas entrevistados deve-se em parte à baixa rotatividade, evidenciada pela existência de apenas dezoito flautistas em toda a história de orquestras em Belo Horizonte.

Como averiguamos, desde a fundação da primeira orquestra em 1922, apenas dezoito músicos atuaram como flautistas em Belo Horizonte. Este número é considerado baixo se levarmos em conta os 85 anos que já se passaram até hoje e o grande número de flautistas lançados no mercado de trabalho a cada ano. Além disso, apesar de que nem todos os flautistas que ingressam no mercado de trabalho se interessam pelo trabalho nas orquestras, se considerarmos, por exemplo, o número de flautistas(432) inscritos na Ordem dos músicos hoje, percebemos que as sete vagas atualmente existentes na cidade não são suficientes como postos de trabalho para todos.

Ainda sobre o baixo de número de flautistas nas orquestras, é interessante considerarmos o resultado da pesquisa com os flautistas acerca da existência de repertório orquestral, experiência em orquestras e participação em orquestra jovem durante o período de formação musical. Conforme vimos, a maioria dos flautistas, não teve um contato privilegiado com repertório orquestral no período de formação musical, apesar de terem ingressado na orquestra em que trabalham ou trabalharam através de concurso público no qual constava prova prática de flauta. Este dado nos leva a questionar se a falta de formação específica não tem sido um fator de exclusão dos flautistas do mercado orquestral.

Inferimos, a partir dos dados colhidos na pesquisa, que os flautistas têm ingressado no mercado de trabalho despreparados para a função de flautista de orquestra por desconhecerem o repertório e por falta de prática orquestral, especialmente a orientada pelo seus professores durante o período de formação. Isso explica, pelo menos em parte, a baixa rotatividade das vagas de flautistas de orquestra e o fato de termos encontrado alguns dos flautistas pesquisados fazendo parte de mais de uma orquestra ao mesmo tempo. Sendo assim, sugerimos aos professores e escolas responsáveis pela formação dos flautistas que invistam em currículos que privilegiem essa área da formação musical do flautista.

Apesar das dificuldades encontradas durante a busca de dados para a conclusão da pesquisa, entendemos que foi possível delinear com consistência um panorama acerca dos flautistas de orquestras de Belo Horizonte. Dados pessoais e profissionais dos flautistas foram dispostos neste trabalho; bem como um histórico

esclarecedor acerca das orquestras da capital. Em relação á questão da memória, percebemos que ainda há muito a ser feito nessa área. Muitas pesquisas ainda precisam ser empreendidas e muitas iniciativas, públicas e privadas precisam ser tomadas a fim de produzir e salvaguardar documentos referentes à música em Belo Horizonte.

Esperamos que os dados aqui apresentados sejam úteis como instrumento para novos pesquisadores e que nossa pequena contribuição sirva de incentivo e inspiração para outras iniciativas nesta área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Regina. e Chagas, Mário(orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, 320 p.
- BORGES. Vavy Pacheco. *O que é história*. Brasília: Ed. Itatiaia, São Paulo: Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos; v. 17, 1983. 84pp.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*, São Paulo: Ed. UNESP, 2001
- CRUZ Andréa M. Lage da; Vargas, Joana Domingues. *Pesquisa histórica e elaboração: Memória musical de Belo Horizonte, Minas Gerais*. Belo Horizonte: Rona Ed. 1997. 390.
- DUARTE, Cristiano Lages – *Juvenal Dias da Silva: um virtuoso da flauta em Minas Gerais* –, Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado submetida ao programa de Pós-Graduação em música do Centro de Letras e Artes da HONRE, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre. Universidade do Rio de Janeiro, maio, 2001. 121p. Inclui anexos; mestrado interinstitucional UEMG;UNIRIO/CAPES;
- FISCHER, Heloisa. *Anuário Viva Música! 2007. O guia de negócios da música clássica do Brasil*. Rio de Janeiro, Viva Música! Marketing e Edições, 2007
- FONSECA, Edilberto José de Macedo. *O inventário nacional de Referências Culturais do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico nacional – IPHAN: desafios do registro patrimonial de expressões musicais como bens culturais de natureza imaterial*. Comunicação publicada nos anais do II Encontro da ABET(Etnomusicologia: Lugares e caminhos, fronteiras e diálogos) realizado em Salvador, Bahia, entre os dias 9 e 12 de dezembro de 2004.
- FREIRE, Sérgio. *Do conservatório à escola: 80 anos de criação musical em Belo Horizonte*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2006
- HOMEM, Fernando Pacífico. *Expedito Vianna: um flautista à frente de seu tempo*. Artigo apresentado ao programa de pós-graduação da Escola de Música da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em música. Belo Horizonte, 2005
- LEMOS. Carlos Alber Cerqueira. *O que é patrimônio histórico*. São Paulo: Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos; 51, 1987. 115p0.
- MARTINS FILHO. Amílcar Vianna. *Como escrever a história da sua cidade*. Belo Horizonte: Instituto Cultural Amílcar Martins, 2005. 114p.
- MENCARELLI, Fernando Antônio; ALVARENGA, Arnaldo leite de; MALETTA, Ernani de Castro e ROCHA, Maurílio Andrade – *Corpos Artísticos do Palácio das Artes: Trajetória e Movimentos*. Belo Horizonte: secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, fundação Clóvis Salgado, 2006. 252 p.

REIS, Sandra loureiro de Freitas – *Escola de Música da UFMG; um estudo histórico (1925 – 1970)*. Belo Horizonte: Ed. Luzazul Cultural: Ed. Santa Edwiges, 1993. 187p. :il.

REVISTA ACAIACA: *Revista de cultura*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1950. 105p.

REVISTA COMEMORATIVA DOS 100 ANOS DE BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS. Belo Horizonte: Associação dos Amigos do Hospital Mário pena, 1997. 38 p.

REZENDE, Maria da Conceição. *A música na história de minas colonial*. Brasília: Ed. Itatiaia, Belo Horizonte: instituto Nacional do Livro, 1989. 765p.

RODRIGUES, Carlos. (Dir.) *História de Belo horizonte*. Belo Horizonte: CR Editora, 1981. 80 p.

SALOMÉ, Nelson. *A música contemporânea em Belo Horizonte na década de 80*. 1999. 135f. dissertação(Mestrado) – universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1999.

SILVA, *Doce dossiê de Belo Horizonte*. Belo Horizonte; Gráfica Editora Cedablio, 1991

SILVA, Zélia Lopes da. *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 1999.

SIMÃO, Wilson. *Bravo! Os bastidores da ópera* – Editado pelo Sistema Estaminas de Comunicação, 1992

UFMG, Boletim *Informativo Nº 16 da Escola de Música da UFMG*, agosto, 1981, edição especial

VALE, Flausino. *Músicos mineiros: Edição comemorativa do Centenário de Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1948, 27p.

ANEXOS

1. Questionário piloto

- Aplicado a quatro flautistas na primeira fase da pesquisa

QUESTÕES RELATIVAS À PROFISSÃO DE FLAUTISTA DE ORQUESTRA EM BELO HORIZONTE

1. FORNEÇA, POR FAVOR, ALGUNS DE SEUS DADOS PESSOAIS.

Nome completo _____

Local e Data de nascimento _____

Dados adicionais que julgar relevantes _____

FALE UM POUCO SOBRE A SUA FORMAÇÃO MUSICAL.

Início do contato com a música

Professores com os quais estudou.

Instituições nas quais estudou.

Cursos concluídos ou em andamento, na área musical(Especifique por favor as instituições)

2. QUAL É A SUA ÁREA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL HOJE?

Docência

Música de câmara

Música popular

Gravações

Rádio

Orquestra

Outros _____

Outra profissão além da música _____

3. ONDE E QUAL O PERÍODO DE SUA ATUAÇÃO COMO FLAUTISTA DE ORQUESTRA?

4. QUE AVALIAÇÃO VOCÊ FAZ DE SUA ATUAÇÃO COMO FLAUTISTA DE ORQUESTRA?

5. ACERCA DO MERCADO DE TRABALHO PARA OS FLAUTISTAS DE BELO HORIZONTE, QUAL A SUA OPINIÃO?

2. Questionário aplicado aos flautistas entrevistados.

FLAUTISTAS DE ORQUESTRA DE BELO HORIZONTE: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO PERFIL DOS PROFISSIONAIS E DAS ORQUESTRAS COMO POSTOS DE TRABALHO

Você está sendo convidado a participar, como voluntário, em uma pesquisa.

Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte desse estudo, assine ao final do documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra do pesquisador responsável. O participante terá o direito de retirar seu consentimento a qualquer tempo, mediante comunicação.

O questionário será entregue a cada participante, para ser respondido individualmente, e terá caráter sigiloso, isto é, a identidade dos participantes não será revelada em momento algum. Ao responder as questões, assinale com um (X) a(s) alternativa(s) que melhor se encaixem em seu perfil.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

O presente questionário é parte de uma pesquisa para conclusão do curso de mestrado em música pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Como sujeitos deste trabalho foram selecionados flautistas que atuam ou atuaram em orquestras de Belo Horizonte.

A pesquisa visa traçar um perfil dos flautistas de orquestra em Belo Horizonte, bem como obter informações que permitam analisar a importância das orquestras de Belo Horizonte, como postos de trabalho.

TERMO DE CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO:

Eu,

RG/CPF..... abaixo

assinado, concordo em participar do estudo *FLAUTISTAS DE ORQUESTRA DE BELO HORIZONTE: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO DO PERFIL DOS PROFISSIONAIS E DAS ORQUESTRAS COMO POSTOS DE TRABALHO* como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador *SANDRA ALVES MEIRA* sobre a pesquisa e os procedimentos nela envolvidos.

Local e data:

Assinatura:

**FLAUTISTAS DE ORQUESTRA DE BELO HORIZONTE: UMA ANÁLISE DA EVOLUÇÃO
DO PERFIL DOS PROFISSIONAIS E DAS ORQUESTRAS COMO POSTOS DE
TRABALHO**

Dados pessoais

I. Sexo:

- a) feminino
- b) masculino

II. Natural de:

- a) Belo Horizonte
- b) outra cidade de Minas Gerais
- c) outro estado do Brasil
- d) exterior

Quanto à formação musical

III. Contato inicial com a música

- a) na infância
- b) na adolescência
- c) na idade adulta

IV. Formação musical

- a) autodidata
- b) aula particular
- c) curso técnico
 - 1. curso técnico em flauta
 - 2. curso técnico em outro instrumento.....
- d) curso superior
 - 1. curso superior em flauta
 - 2. cursos superior em outro instrumento.....
 - 3. curso superior em Belo Horizonte
 - 4. curso superior em outro estado do Brasil
 - 5. curso superior no exterior
- e) pós graduação
 - 1. pós-graduação em Belo Horizonte
 - 2. pós-graduação em outro estado do Brasil
 - 3. pós-graduação no exterior

- f) participação em festivais e cursos de férias
 - 1. em Minas Gerais
 - 2. outro estado do Brasil
 - 3. no exterior

IV-1 Estudo de repertório orquestral em sua formação

- a) inexistente
- b) de forma reduzida
- c) valorizado
- d) muito valorizado

V-2. Estágio em orquestra durante o curso

- a) sim
- b) não

VI-3 Participação em orquestra jovem

- a) sim
 - 1. em Minas Gerais
 - 2. em outro estado
 - 3. na escola em que estudou
 - 4. em outra instituição
- b) não

Quanto à atuação profissional

V. Atuação profissional

- a) docência
 - 1. docência em escola particular de música
 - 2. docência em escola pública de música
 - 3. docência universitária
 - 4. docência – aulas particulares
 - 5. docência em escola de ensino regular
- b) eventos
 - 1. cerimônias religiosas
 - 2. casamentos
 - 3. recepções e festas em geral
- c) música de câmara
- d) rádio

- e) gravações
- f) banda de música
- g) música popular
- h) atuação em grupo de choro
- i) música ambiente em bares
- j) integrante de bandas de shows
- k) orquestra
- l) outra atividade relacionada à música
 - 1. produtor cultural
 - 2. reparo de instrumentos
 - 3. venda de instrumentos
 - 4. edição de partituras
 - 5. instrumentação e arranjo
 - 6. outros.....
- m) outra profissão além da música.....

Quanto ao ingresso na orquestra em que atua ou atuou em Belo Horizonte

VI. Forma de ingresso

- a) concurso público
- b) concurso interno
- c) convite
- d) prova de conhecimentos musicais
- e) prova de conhecimentos gerais
- f) prova de títulos
- g) prova prática de flauta
 - 1. leitura à primeira vista
 - 2. peça de confronto
 - 3. trechos de orquestra

VII. Idade de ingresso:

- a) – de 20 anos
- b) 20 a 30 anos
- c) 30 a 40 anos
- d) 40 a 50 anos
- e) 50 a 60 anos
- f) + de 60

Situação da orquestra em que atua hoje em Belo Horizonte

(caso esteja aposentado, ou não esteja mais na orquestra, passar á questão xvi)

VIII. Número de flautistas na orquestra

- a) 1
- b) 2
- c) 3
- d) 4
- e) + de 4

IX. Regularidade nas apresentações

- a) apresentações semanais
- b) apresentações quinzenais
- c) apresentações mensais
- d) regularidade semestral de apresentações
- e) apresentações anuais

X. Sobre o programa das apresentações

- a) mudanças semanais
- b) mudanças mensais
- c) mudanças quinzenais
- d) um repertório por semestre
- e) um repertório anual

XI. Sobre o tipo de repertório executado

- a) repertório erudito
- b) repertório militar
- c) repertório sacro-religioso
- d) repertório popular
- e) música brasileira
 - 1. compositores mineiros
 - 2. compositores de outros estados do Brasil

XII. Remuneração

- a) salário fixo
- b) salário + vantagens
- c) cachê de acordo com as apresentações
- d) vinculado ao público pagante
- e) sem remuneração

XIII. Quanto á qualidade da remuneração

- a) muito defasada
- b) insatisfatória
- c) satisfatória
- d) muito satisfatória
- e) excelente

XIV. Remuneração comparada ao padrão nacional

- a) muito defasada
- b) insatisfatória
- c) satisfatória
- d) muito satisfatória
- e) excelente

XV. Remuneração comparada ao padrão internacional

- a) muito defasada
- b) insatisfatória
- c) satisfatória
- d) muito satisfatória
- e) excelente

XVI. Quanto ao mercado de trabalho em orquestras de Belo Horizonte

- a) mercado inexistente
- b) mercado reduzido
- c) mercado em crescimento
- d) mercado muito promissor
- e) mercado excelente